

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

ANA MARIA ROSA JOÃO PEDRO

**A DISTÂNCIA ENTRE O TOMBAMENTO E A CONSERVAÇÃO: CULTURA E
SERVIÇO SOCIAL PARA UMA READEQUAÇÃO DE USOS DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO DE JAÚ.**

**BAURU
2021**

ANA MARIA ROSA JOÃO PEDRO

**A DISTÂNCIA ENTRE O TOMBAMENTO E A CONSERVAÇÃO: CULTURA E
SERVIÇO SOCIAL PARA UMA READEQUAÇÃO DE USOS DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO DE JAÚ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo
- Centro Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: da Prof.^a M.^a Lilian Massumie
Nakashima.

BAURU
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

P372d	<p>Pedro, Ana Maria Rosa Joao</p> <p>A distância entre o tombamento e a conservação: cultura e serviço social para uma readequação de usos do patrimônio histórico de Jaú / Ana Maria Rosa Joao Pedro. -- 2021. 131f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Lilian Massumie Nakashima.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Centro histórico. 2. Centro de acolhimento. 3. Museu. 4. Jaú. 5. Cultura. I. Nakashima., Lilian Massumie. II. Título.</p>
-------	---

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

ANA MARIA ROSA JOÃO PEDRO

A DISTÂNCIA ENTRE O TOMBAMENTO E A CONSERVAÇÃO: CULTURA E
SERVIÇO SOCIAL PARA UMA READEQUAÇÃO DE USOS DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO DE JAÚ.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo
- Centro Universitário Sagrado Coração.

Aprovado em: 00/06/21

Banca examinadora:

Prof.^a M.^a Lilian Massumie Nakashima
Centro Universitário Sagrado Coração

M.^a Gloria L. Rodríguez Correia de Arruda
Centro Universitário Sagrado Coração

Dedico este trabalho à minha família por não medirem esforços para realização de todos meus sonhos, me incentivando em todos eles.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família, em especial meus pais e irmã. Por me proporcionarem todas as oportunidades para eu ir atrás dos meus sonhos, desde pequena estavam lá para me apoiar, dar colo e consolo quando precisei. Nunca me deixaram desistir, mesmo quando eu estava no limite, me deram razão e força para continuar. As minhas tias, avós e ao meu avô, por ser inspiração para este trabalho e para a vida, mesmo nos olhando do céu, você continua inspirando e nos dando orgulho.

Sou grata aos meus amigos, que estão comigo em todas as etapas importantes da minha vida, me dando os melhores conselhos e me proporcionando os momentos mais especiais. Obrigada por sempre torcerem por mim e estarem disponíveis todas as vezes que precisei, me apoiando e me fazendo enxergar a vida com outros olhos.

Quero agradecer também aos meus professores, não apenas aos da Universidade, mas todos ao longo da minha jornada que foram essenciais para minha formação educacional e pessoal. Especialmente a minha orientadora Lilian Nakashima, por quem tenho imensa admiração, obrigada por ter sido tão compreensiva no desenvolvimento deste trabalho, me guiando em todas as etapas e adversidades encontradas no caminho, por acreditar em mim e transmitir com tanto carinho todo ensinamento.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma entraram no meu caminho e foram essenciais para que eu pudesse finalizar mais esta etapa e ao Universo por me proporcionar todas as experiências necessárias, as dificuldades, medos e receios que me fizeram ser quem sou hoje e construíram meu caráter.

RESUMO

Este trabalho é pautado a partir da problemática do abandono dos centros históricos das cidades, especificamente de Jaú, localizada no interior de São Paulo. Ao longo dos anos se observa um gradativo afastamento da população residente no centro dos municípios para suas áreas periféricas. Por esse motivo as construções arquitetônicas, que antes abrigavam grandes e importantes famílias foram sendo abandonadas e degradadas aos poucos. Houve um aumento exponencial nos casos de violência, em particular a violência contra a mulher, que há pouco começou a ser discutida e vem recebendo sua devida importância. A partir desses fatos, foi definida a proposta deste trabalho, o qual tem uma vertente à preservação e revitalização das áreas degradadas do centro da cidade. A intenção é propor novos usos a quatro edifícios históricos, que estão inseridos ao lado da Igreja Matriz. A proposta vai além e oferece um museu voltado a arte fotográfica, pensando em sugerir uma cultura diferenciada ao município e proteger toda história do mesmo, já que Jaú é uma cidade com uma vasta arquitetura histórica. Também é sugerido um centro de acolhimento para meninas e mulheres que sofreram algum tipo de violência ou agressão, e precisem de apoio. Nesta área serão ofertadas atividades voltadas às necessidades das mesmas e uma ligação com o museu, trazendo atividades relacionadas a fotografia para as mulheres. A principal intenção desta parte é proporcionar à elas um espaço de aconchego e segurança, que lhes foram tirados. Para o desenvolvimento desta concepção projetual, se buscou delimitar o embasamento teórico a respeito do tema de estudo, com base em referências bibliográficas e documentais, bem como análises de obras correlatas, que tiveram profunda influência para o amadurecimento da ideia inicial.

Palavras-chave: Centro histórico. Centro de acolhimento. Cultura. Jaú. Museu.

ABSTRACT

This work is based on the problem of the abandonment of the historical centers of the cities, specifically Jaú, located in the interior of São Paulo. Over the years there has been a gradual move away from the population residing in the center of the cities to their peripheral areas. For this reason, the architectural constructions that once sheltered large and important families have gradually been abandoned and degraded. There has been an exponential increase in cases of violence, in particular violence against women, which has recently begun to be discussed and has been given its due importance. Based on these facts, the proposal of this work was defined, which has an aspect to preserve and revitalize the degraded areas of the city center. The intention is to propose new uses for four historic buildings, which are located next to the Mother Church. The proposal goes beyond and offers a museum dedicated to photographic art, thinking of suggesting a differentiated culture to the city and protecting all its history, since Jaú is a city with a vast historical architecture. It is also suggested a shelter for girls and women who have suffered some kind of violence or aggression, and need support. This area will offer activities geared to their needs and a connection with the museum, bringing activities related to photography to the women. The main intention of this part is to provide them with a space of warmth and safety, which was taken away from them. For the development of this projectual conception, it was sought to delimit the theoretical basis about the study theme, based on bibliographic and documental references, as well as analysis of related works, which had profound influence on the maturation of the initial idea.

Keywords: *Historic center. Welcome center. Museum. Culture. Jau.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cidade de Ouro Preto, Minas Gerais.....	21
Figura 2 - Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto, Minas Gerais.....	22
Figura 3 - Recorte de jornal da inauguração do Banco Francês e Italiano.	25
Figura 4 - Edifício do antigo Banco Francês e Italiano.	26
Figura 5 - Edifício do antigo Banco Francês e Italiano hoje em dia.	26
Figura 6 - Edifício da farmácia.	27
Figura 7 - Edifício da antiga FAC.	28
Figura 8 - Edifício da antiga FAC atualmente.....	28
Figura 9 - Edifício do atual Centro Catequético.....	29
Figura 10 - Localização do Museu Rodin Bahia.	34
Figura 11 - Fachada do Palacete.....	35
Figura 12 - Elevação Oeste.	36
Figura 13 - Jardim Modulado.	36
Figura 14 - Caminho do jardim.	37
Figura 15 - Passarela de ligação.	38
Figura 16 - Passarela na vista do pedestre.....	38
Figura 17 - Vista passarela a noite.....	39
Figura 18 - Implantação.	40
Figura 19 - Elevação Norte e Sul.....	40
Figura 20 - Vista externa da circulação vertical.	41
Figura 21 - Vista interna da circulação vertical.....	42
Figura 22 - Praça das Artes.	43
Figura 23 - Localização da Praça das Artes.	44
Figura 24 - Croquis iniciais da Praça das Artes, Marcos Cartum.....	44
Figura 25 - Croquis da Praça das Artes, já em versão próxima ao que foi executado, Marcos Cartum.....	45
Figura 26 - Implantação da Praça das Artes.....	45
Figura 27 - Acessos para a Praça das Artes.....	46
Figura 28 - Diagrama de usos.....	47
Figura 29 - Acessos para a Praça das Artes.....	48
Figura 30 - Fachada do Palacete.....	49

Figura 31 - Localização do Museu de Arte do Rio.....	50
Figura 32 - Cobertura em formato de onda.	51
Figura 33 - Interior da Escola do Olhar.	52
Figura 34 - Cobertura em formato de onda a noite.....	52
Figura 35 - Acesso ao conjunto.	53
Figura 36 - Diagrama.	53
Figura 37 - Fluxo dos pavimentos do museu.....	54
Figura 38 - Planta do térreo do conjunto.....	54
Figura 39 - Fachada do Palacete reformado.	55
Figura 40 - Fluxo dos pavimentos da escola.	56
Figura 41 - Primeiro pavimento do conjunto.	56
Figura 42 - Quinto pavimento do conjunto.	57
Figura 43 - Vista do conjunto.....	57
Figura 44 - Lateral da Escola do Olhar.	58
Figura 45 - Localização de Jaú.	60
Figura 46 - Região de Jaú.....	61
Figura 47 - Vista panorâmica de Jahu em 1888.	63
Figura 48 - Esquema da formação urbana na década de 1850.	64
Figura 49 - Esquema da formação urbana em 1895.	65
Figura 50 - Primeira capela de Jaú.....	65
Figura 51 - Segunda capela de Jaú.....	66
Figura 52 - Nova Igreja Matriz Nossa	67
Figura 53 - Croqui da nova Igreja Matriz.	67
Figura 54 - Igreja Matriz atualmente.	68
Figura 55 - Panorama da cidade.	69
Figura 56 - Divulgação do Centro Empresarial que seria construído no local.....	70
Figura 57 - Mesmo casarão depois da reforma.....	70
Figura 58 - Manifesto dos membros da Apuã.	71
Figura 59 - Antigo prédio do Banco Francês e Italiano para a América do Sul.....	74
Figura 60 - Antigo Banco Francês e Italiano para a América do Sul.	75
Figura 61 - Antigo Banco Francês e Italiano para a	75
Figura 62 - Relação do entorno com o edifício.	76
Figura 63 - Quadro de detalhes do edifício do antigo Banco Francês e Italiano.....	76

Figura 64 - Edifício atual.	77
Figura 65 - Rua Major Prado.....	77
Figura 66 - Rua Major Prado.....	78
Figura 67 - Quadro de detalhes do atual Centro Catequético.....	79
Figura 68 - Antigo palacete do Sr. João de Almeida Prado.	80
Figura 69 - Casarão da atual FAC.	80
Figura 70 - Quadro de detalhes do casarão.	81
Figura 71 - Vista da Rua Visconde do Rio Branco.....	81
Figura 72 - Mapa de Localização.	82
Figura 73 – Zoneamento.	84
Figura 74 - Mapa de uso e ocupação do solo.	86
Figura 75 - Mapa de edifícios históricos.....	88
Figura 76 - Mapa de gabarito urbano.....	89
Figura 77 - Mapa de elevações.	90
Figura 78 - Elevação A – Rua Visconde do Rio Branco.....	90
Figura 79 - Elevação B – Rua Major Prado.	91
Figura 80 - Elevação C – Rua Lourenço Prado.....	91
Figura 81 - Mapa viário.....	92
Figura 82 - Mapa de vegetação, insolação e ventilação.....	93
Figura 83 - Mapa topográfico.....	94
Figura 84 - Corte topográfico.	94
Figura 85 - Mapa de cheios e vazios.....	95
Figura 86 - Implantação Geral.....	98
Figura 87 - Segundo pavimento.....	99
Figura 88 - Primeiro pavimento.....	99
Figura 89 - Quarto pavimento	100
Figura 90 - Terceiro pavimento	100
Figura 91 - Corte A.....	101
Figura 92 - Corte C.....	101
Figura 93 - Corte B.....	101
Figura 94 - Relação do entorno com a proposta.....	104
Figura 95 - Funções do complexo.....	1055
Figura 96 - Distribuição dos usos na volumetria.	1055

Figura 97 - Volumetria geral do complexo.	1066
Figura 98 - Vista do pedestre.....	1077
Figura 99 - Vista do pedestre do espaço público.	1077
Figura 100 - Museu da Fotografia e Centro de Assistência a Violência.....	1078
Figura 101 - Museu da Fotografia e Oficina Cultural.....	1078
Figura 102 - Casarão Café e Livro.....	1079
Figura 103 - Casa das Meninas de Jaú.	107
Figura 104 - Galeria do comércio.	1070
<i>Figura 105 - Implantação nível 517 e 518.....</i>	<i>1071</i>
Figura 106 - Implantação nível 521,51077.	107
Figura 107 - Implantação nível 524,5.	107
Figura 108 - Planta da Casa das Meninas de Jaú.	107
Figura 109 - Implantação de cobertura.	107
Figura 110 - Corte A.	1078
Figura 111 - Corte B.	107
Figura 112 - Corte C.	107
Figura 113 - Corte D.	1070
Figura 114 - Volumetria geral do complexo.	107
Figura 115 - Vista da esquina da Major Prado para a quadra.	1071
Figura 116 - Vista para o miolo da quadra.....	1072
Figura 117 - Museu da Fotografia e Centro de Assistência a Violência.....	107
Figura 118 - Museu da Fotografia e Oficina Cultural.....	107
Figura 119 - Prédio da Casa das Meninas de Jaú e Comércio.....	107
Figura 120 - Circulação Vertical da Casa das Meninas de Jaú.	107
Figura 121 - Passarela de circulação.....	107
Figura 122 - Café do fundo da quadra.	107
Figura 123 - Vista da Oficina de Jardinagem para a quadra.	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de zoneamento.	852
Tabela 2 - Programa de Necessidades.....	996
Tabela 3 - Tabela de vegetação.	1007

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Justificativa	14
1.2	Objetivos	15
1.2.1	<i>Objetivo Geral</i>	16
1.2.2	<i>Objetivo Específico</i>	16
1.3	Métodos e Técnicas de Pesquisa	16
2	REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1	Patrimônio	18
2.2	Centro Histórico	21
2.2.1	<i>Abandono dos centros históricos</i>	22
2.2.2	<i>Intervenções nos centros históricos</i>	24
2.3	Preservação	30
2.3.1	<i>Tombamento</i>	30
3	ESTUDOS DE OBRAS CORRELATAS	33
3.1	Museu Rodin Bahia	33
3.2	Praça das Artes	42
3.3	Museu De Arte Do Rio (Mar)	49
4	CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA	60
4.1	Contextualização	60
4.1.1	<i>Dados</i>	61
4.2	Breve Histórico	62
4.2.1	<i>Centro Histórico</i>	62
4.2.2	<i>Igreja Matriz</i>	63
4.3	Patrimônio	68
4.4	Problemática da Área	72
5	ESTUDO PRELIMINAR E LEVANTAMENTOS	73
5.1	Área de Intervenção	73
5.1.1	<i>Localização</i>	83

5.1.2 Zoneamento.....	84
5.2 Análise do Entorno.....	86
5.2.1 Uso e Ocupação.....	86
5.2.2 Edifícios Históricos.....	88
5.2.3 Gabarito Urbano.....	90
5.2.4 Elevações.....	92
5.2.5 Fluxo Viário.....	93
5.2.6 Vegetação.....	94
5.2.7 Topografia.....	95
5.2.8 Cheios e Vazios.....	96
6 PROPOSTA PROJETUAL: MACROZONEAMENTO (ENTREGA JUNHO/2021)	98
6.1 Conceito e Partido.....	98
6.1.1 Programa de Necessidades.....	98
6.1.2 Paisagismo.....	100
6.2 Implantação.....	100
6.3 Corte.....	103
6.4 Maquete Eletronica.....	104
6.4.1 Concepção Volumétrica.....	104
6.4.2 Maquete Volumétrica.....	106
7 ANTEPROJETO: ENTREGA FINAL (NOVEMBRO/ 2021)	108
7.1 Implantação.....	111
7.2 Cortes.....	117
7.3 Volumetria.....	120
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	126

1 INTRODUÇÃO

O centro histórico de uma cidade é tradicionalmente o local onde foi concebida, ou seja, geralmente é onde se começa uma civilização ou futura cidade, por esse motivo, é considerado um local de grande importância e ao longo da história teve destaque na sociedade, como sede dos principais eventos e ali se estabeleciam as instituições primordiais para o funcionamento da cidade, como por exemplo: centros comerciais, hospitais, mercados, igrejas, centros de administração, entre outros.

Na metade do século XX vivenciamos a decadência desses centros, por conta da expansão industrial e inovações tecnológicas que incentivaram o espraiamento urbano, levando a malha urbana para regiões periféricas da cidade e tornando esses centros abandonados.

Os órgãos de proteção e preservação, bem como políticas administrativas para conservação dos bens, principalmente os que estão inseridos nos centros históricos das cidades, precisam ser inscritos nos órgãos oficiais para que haja de fato uma garantia na conservação e permanência dos mesmos.

No interior do estado de São Paulo não foi diferente essa situação, tendo isso em mente o presente trabalho propõe o desenvolvimento de um projeto de requalificação para quatro edifícios localizados no centro da cidade de Jaú – SP, os quais estão em processo de degradação patrimonial ou abrigam usos inadequados.

A proposta vai além da requalificação, e propõe dois usos diferenciados, sendo um museu voltado a arte fotográfica, para a arte da cidade e de seus fotógrafos residentes e outro um centro de acolhimento para meninas e mulheres que sofreram alguma violência ou assédio e precisem de assistência. Ambos os usos serão integrados, com atividades em conjunto, oferecendo à cidade ambientes inovadores que vão de encontro as necessidades de espaços livres integrados.

Para esse desenvolvimento foi feito uma análise bibliográfica com estudos em livros, artigos, textos acadêmicos e obras referenciais para o projeto. Após o estudo, foi feita análises no local para melhor entendimento do entorno trabalhado e não foi possível ser feita as visitas técnicas presenciais devido a pandemia causada pelo Covid-19, as únicas visitas que foram realizadas foi para registro de fotografias, sendo executadas sozinha pela autora.

1.1 Justificativa

Ao longo da história da humanidade os centros históricos foram considerados pioneiros no surgimento das civilizações, porém no decorrer dos anos sofreram uma gradativa decadência, em questão de prioridade habitacional da população e uso para a cidade. Isso acarretou em abandono e degradação dos edifícios que ali se situavam.

Na cidade de Jaú, interior de São Paulo, esse panorama foi minimamente diferenciado comparando com outras cidades na mesma região. Houve um recente esquecimento dessas áreas, porém a divergência está na história de sua civilização, quando anteriormente houve um reconhecimento e cuidado com esses edifícios tão importantes, essa valorização ocasionou a sua preservação e tombamento de alguns.

Por esse motivo, o presente trabalho tem o intuito de resgatar esse sentimento na cidade de apreciação por essa história arquitetônica que nos é exibida diariamente. Para isso, o local escolhido foi a quadra ao lado da praça da Igreja Matriz, a qual conta com quatro edifícios, sendo dois deles bem preservados, e os outros dois contém atividades não adequadas aos ideais de preservação dos mesmos.

A proposta arquitetônica é dar novos usos a esses edifícios, mais coerentes e eficazes para a comunidade, bem como para a cidade. A intenção é um projeto de um museu voltado totalmente para a fotografia da cidade e de seus autores que ali viveram, os quais foram essenciais para o registro e arquivo da história da cidade.

Pensando nos problemas enfrentados na sociedade, também é proposto um centro de acolhimento para meninas e mulheres que de alguma forma foram violentadas ou assediadas. Um espaço com diversas atividades voltadas ao lazer, saúde, cultura e educação das mesmas e a união da arte da fotografia com a suas vidas, será proposto um espaço de desenvolvimento delas no ramo da fotografia.

O projeto procura deixar para a cidade de Jaú espaços públicos de qualidade e edifícios históricos com usos apropriados e eficientes para a população. Com foco em dois pontos primordiais para todas as comunidades: cultura e saúde. O âmbito da cultura irá se apresentar no museu inovador voltado à fotografia, já que a cidade tem interesse nesse assunto através de pessoas indispensáveis para a história da mesma. O segundo ponto é o da saúde, especificamente das mulheres, que sempre foi tão desprezado ou acobertado pela sociedade como um todo, hoje necessita de atenção e se faz muito necessário na atualidade.

1.2 Objetivos

A partir dos objetivos gerais e específicos presentes neste trabalho foi desenvolvido a proposta projetual, através do desenvolvimento das pesquisas e estudos direcionadas pelos mesmos.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral constitui-se pela requalificação e preservação dos patrimônios históricos centrais existentes no município de Jaú, através da recuperação de edifícios que estão em processo de degradação e descaso e propondo soluções, que visem a melhoria das construções e de seus usos para o usufruto da sociedade.

1.2.2 Objetivo Específico

- Pesquisas bibliográficas a respeito dos temas específicos do trabalho, a fim de adquirir um conhecimento teórico.
- Análise de obras relacionadas como referência, com o intuito de ter um repertório teórico a ser inspirado.
- Estudar a concepção das cidades com base na formação de seus centros históricos.
- Entender o fenômeno de abandono dos centros históricos e de intervenções nos mesmos.
- Investigar os edifícios históricos considerados pioneiros na formação do município de Jaú.
- Compreender o conceito de patrimônio e patrimônio edificado e a valorização dos mesmos para a memória das cidades.
- Estudar os conceitos e a importância da preservação e do tombamento, especificamente no Brasil e o modo como é executado.
- Reconhecer a problemática da área de intervenção e propor soluções através da proposta projetual.

1.3 Métodos e Técnicas de Pesquisa

No primeiro momento foi feito um estudo teórico e bibliográfico, a fim de adquirir mais repertório e conhecimento para a proposta projetual, bem como uma análise melhor e percepção mais elaborada sobre o local e tema. Com base em artigos, livros, jornais, revistas, teses

acadêmicas, documentos, mapas, fotografias, relatórios, mídias visuais, arquivos da Biblioteca Municipal "Rubens do Amaral" em Jaú e para a adequação normativa utilizou-se os arquivos da biblioteca Cor Jesu da Universidade do Sagrado Coração na cidade de Bauru.

A partir disso, foram introduzidos estudos de obras correlatas, com um propósito de analisar referências do tema abordado, com a finalidade de desenvolver a proposta arquitetônica projetual final.

Por fim, a análise do entorno da área de intervenção foi executada, através de mapas, fotografias e visitas no local de estudo, com o objetivo de obter a maior quantidade de informações, dados qualitativos e quantitativos do ambiente a ser proposto.

Para isso foram desenvolvidos diversos mapas, considerando o entorno da área de intervenção, sendo eles: mapa de localização, zoneamento da cidade, das vias e dos acessos, uso e ocupação do solo, os edifícios localizados no centro histórico do município, o mapa de gabarito, de vegetação, topografia e de cheios e vazios. São o que nos permite uma avaliação concisa e detalhada do local proposto com a finalidade de ser uma ferramenta para o próximo passo do trabalho oferecido.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo tem o principal objetivo de proporcionar um estudo mais aprofundado a respeito dos temas estudados para o projeto proposto, bem como definir e mostrar conceitos e possibilitar uma análise mais crítica sobre a proposta projetual.

A partir desse propósito, a revisão literária exposta foi dividida em três momentos: a primeira abordando a questão do patrimônio, mais especificamente do patrimônio edificado. A segunda os centros históricos das cidades, pensando no abandono e nas possíveis intervenções, focado nas cidades do interior, já que o local de estudo proposto é em Jaú, interior de São Paulo. Por fim, foram estudadas questões de preservação, através do tombamento, com conceitos e definições sobre sua importância para os patrimônios edificados.

2.1 Patrimônio

A ideia de conservação dos patrimônios históricos começou a ser pensada a partir do século XVIII com a Revolução Francesa e Industrial. No Brasil começa-se concretamente as iniciativas de preservação em 1936, com a criação de instituições federais para esta finalidade, como por exemplo o Instituto de defesa do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN. Com elas, criou-se leis para proteção e implantação do sistema de tombamento. (TRENTIN, 2005)

O sentido da palavra patrimônio está relacionado ao modo como os indivíduos se ligam com seus espaços, envolvendo toda cultura, costumes, cotidiano do povo, as formas de convívio e suas expressões de certo local. Patrimônio não é considerado algo a ser imposto, mas criado e transferido como obras de arte, edificações ou certos objetos com significado único para a comunidade que o produz. (PIRES; FERREIRA, 2007)

Hoje em dia é preciso ter uma política específica de preservação, que garanta a melhoria da qualidade de vida da população e conserve os elementos vitais das construções, segundo Gutiérrez (1989 *apud* Trentin, 2005):

[...] a participação da população é o ponto essencial para que essa política tenha êxito com o tempo. Só se conserva aquilo que se utiliza, e os novos usos dos espaços asseguram a continuidade de respostas adequadas às novas necessidades, dentro da evolução da cidade.

A população tem o dever de participar das discussões de preservação para que preserve sua identidade, como vigias dos bens da cidade. (TRENTIN, 2005)

Segundo Varine Boham (*apud* LEMOS, 1981) Patrimônio Cultural deve ser dividido em três categorias: elementos pertencentes à natureza e ao meio ambiente (são os recursos naturais, como, rios; peixes e cachoeiras); os conhecimentos, as técnicas, o saber e o saber fazer; todos os bens culturais, sendo eles objetos; artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer, com isso, conclui-se que os três são codependentes e se complementam.

Ainda segundo Lemos (1981), não basta apenas saber o que é patrimônio histórico e cultural, mas é preciso preservá-lo; enfatiza,

Segundo Bianco (2011, p. 35 *apud* Lemos, 2005),

[...] devemos, então, de qualquer maneira garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes de patrimônio cultural.

A partir disso, ele destaca que é preciso entender que preservar não é apenas guardar objetos, mas sim fazer levantamentos de qualquer natureza de sítios variados ou gravar depoimentos, sons, músicas, para assim manter vivo os costumes populares. (LEMOS, 1981).

2.1.1 Patrimônio Edificado

As edificações presentes em uma cidade não são apenas locais de abrigo para pessoas. Tem a função suprema como livros que contam histórias, mas em um contexto maior e espacial, através de formas, materiais e culturas de um povo, os quais representam e tem muito a dizer sobre certo lugar e certo povoado. Então, mesmo que não saibamos nada sobre determinada cidade, conseguimos perceber e entender muito a respeito dela através da sua arquitetura, pelos aspectos estéticos e técnicos, ligados as tecnologias e aos materiais das construções, bem como o desenho do traçado urbanos são elementos que nos dizem muito a respeito de certo local. (GALEFFI, 2011).

Na formação da memória histórica e da identidade dos povos a arquitetura desempenha um testemunho excepcional se comparado a outros bens culturais feitos pela humanidade. Retrata modos de vida do homem ao longo do tempo e das gerações, ela carrega sentimentos, acontecimentos públicos, tragédias, fatos novos e antigos. (TRENTIN, 2005).

O patrimônio edificado é dividido em duas categorias, sendo elas: monumento histórico, ou seja, qualquer edificação tombada e inscrita no Livro de Tombo Histórico e o monumento artístico, as tombadas e inseridas no Livro de Tombo Artístico, mas esse fato não anula a possibilidade de o monumento estar em ambos os Livros. (PIMENTEL; VIVIANE L., 2005).

Alguns valores são considerados consagrados, como o histórico e estético, são os que fazem parte da identidade coletiva de uma comunidade, já outros são valores classificados de acordo com diversas variáveis, sendo um conceito subjetivo para cada indivíduo, sendo eles: valores econômicos, utilitários e afetivos. (PIMENTEL; VIVIANE L., 2005).

Analisando de uma forma geral o panorama brasileiro, tem-se diversas cidades consideradas históricas e bens tombados ao redor de todo território. Uma das maiores referências nesse quesito está em Minas Gerais, a cidade de Ouro Preto. A qual foi o primeiro centro histórico brasileiro que recebeu a denominação de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO. (PATRIMONIO CULTURAL, c2021).

A cidade tem uma imensa riqueza de materiais nas construções urbanas, e uma arquitetura vernacular atraente, construções em pedra e infinita riqueza nas igrejas. (PATRIMONIO CULTURAL, c2021) Os edifícios administrativos e os monumentos religiosos são as obras arquitetônicas mais prestigiadas do local, entre eles estão o antigo Palácio dos Governadores, a antiga Casa de Câmara e Cadeia, casa do Museu da Inconfidência, a Igreja Nossa Senhora do Pilar e a Igreja de S. Francisco de Assis. (UNESCO, c2021)

Figura 1 – Cidade de Ouro Preto, Minas



Fonte: Flavio Veloso.

Figura 2 - Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto, Minas Gerais



Fonte: Angela Lago.

2.2 Centro Histórico

Em meados do século XIX e a primeira década do século XX foi desenvolvido o conceito de cidade histórica, tendo como principais formuladores John Ruskin, Camillo Sitte e Gustavo Giovannoni. Por consequência da destruição dos centros na Segunda Guerra Mundial as cidades se tomaram do sentimento de perda dos monumentos, bem como dos seus entornos e contexto. (LYRA, 2016)

Em 1975, na Declaração de Amsterdã, o conceito de patrimônio arquitetônico foi ampliado das construções isoladas, aos conjuntos, bairros de cidades e aldeias com um interesse histórico ou cultural. (LYRA, 2016)

É possível observar que desde as pequenas aglomerações urbanas na antiguidade até as atuais metrópoles globais sempre houve o mesmo sistema de separar as funções sociais, econômicas, patrimoniais e cívicas que acabam se transformando em legado das sociedades passadas. Todas essas atividades sempre se concentram no eixo da cidade, constituído pelo centro histórico, a área mais antiga da cidade que se torna progressivamente o centro da cidade moderna.

Segundo Teresa Barata Salgueiro (2005, p. 259), os centros históricos para além de serem “as partes mais antigas da cidade”, constituem-se como uma “sucessão de testemunhos de várias épocas, monumento que nos traz vivo o passado, nos dá a dimensão temporal com a sequência dos factos que estruturam as identidades”. (SALGUEIRO, c2021).

Voltando para o centro de São Paulo, principalmente as áreas a oeste do estado, foram desenvolvidas e tiveram seus territórios expandidos a partir da estrada de ferro, acarretando na ocupação rural e urbana deste pedaço do estado. A ferrovia teve muito interesse na formação das cidades, já que a mesma modificava as estações em núcleos urbanos, que acabavam gerando pólos para uma futura produção agrícola. (GHIRARDELLO, 2002)

Além disso o comércio também foi um fator essencial na formação das cidades do interior paulista, quando as terras foram passadas das mãos dos mineiros para a burguesia agrária, trazendo com ela mão de obra especializada e estrangeira, capital cafeeiro e a construção de edifícios religiosos. Com base nisso, entende-se que essa formação, em quase todas as cidades, teve por base a criação de uma Igreja Matriz, Prefeitura e Instituição Financeira, sendo esses as instituições necessárias e primordiais para todas as cidades interioranas. (GHIRARDELLO, 2002)

2.2.1 Abandono dos centros históricos

Desde meados do século passado a deterioração de áreas urbanas tem se tornado recorrente e tem se intensificado nas grandes cidades. Esse processo tem relação direta com a produção e o consumo após o surgimento da cidade industrial. Com um contexto de forte aumento populacional e expansão física houve novas formas de apropriação e de valorização do solo urbana, que refletiram principalmente nas áreas centrais. (SIMÕES JUNIOR, 1994)

Essa expansão industrial junto a inovação tecnológica contribuiu para a transformação no modo de vida urbano, refletindo diretamente na organização das cidades e do seu centro. O crescimento das cidades junto ao crescimento populacional intensificou também esse esvaziamento da região central das cidades. (SILVA, 2002) Além do uso gradativamente maior de automóveis no centro das cidades, em detrimento das regiões de uso pedonal.

No Brasil, entre as décadas de 1950 e 1970 houve um declínio significativo econômico das regiões centrais, como ressalta Villaça (1998 p.274) neste período teve um ‘abandono’ dos centros pelas camadas de mais alta renda, que trouxe profundas transformações no meio urbano e centros tradicionais. (SILVA, 2002)

As camadas de alta renda se deslocaram para as extremidades enquanto as camadas populares ocupam o centro das cidades, essa ocupação da população de baixa renda deve-se, basicamente a três razões:

- a) As condições de obsolescência e os baixos preços dos imóveis, que os centros sem manutenção oferecem, são compatíveis com as necessidades dessa demanda;
- b) A facilidade de acesso proporcionada pelo grande número de opções de transportes coletivos;
- c) O fato de nestas áreas se concentrarem comércios, serviços e empregos, atividades não disponíveis nas periferias ocupadas por população de baixa renda. (SILVA, 2002, p. 22)

Através deste forte crescimento populacional, bem como a expansão física da malha urbanizada a cidade precisou se adaptar a essa organização, criando novas formas de apropriação dos locais e de suas valorizações, tendo maior destaque nas regiões centrais da cidade. (SIMÕES JUNIOR, 1994).

Ainda segundo Simões Junior essas áreas centrais tem uma grande tendência a seguir forças centrípetas e centrífugas inerentes ao processo de crescimento urbano:

O vetor de característica centrífuga é aquele que segue movimento natural de crescimento da cidade em direção periferia, onde a incorporação de novos loteamentos à estrutura urbana existente vem caracterizar não só a adequação às demandas advindas com o incremento populacional e com a busca de novas opções de moradia, como também vem corresponder à ampliação da ação especulativa do capital imobiliário. (SIMÕES JUNIOR, 1994 p.11)

O processo de urbanização extensiva, o fenômeno centrífugo, com novas áreas na estrutura já existente e o centrípeto é um processo renovador dessas estruturas já existentes,

adequando-as as necessidades desse crescimento da cidade como um todo. (SIMÕES JUNIOR, 1994).

Para tornar viável essa proposta a cidade precisaria estar a todo momento se remodelando, conforme o crescimento urbano, mas a intervenção dos centros históricos não acontece de forma contínua e é totalmente dependente das demandas do próprio mercado imobiliário.

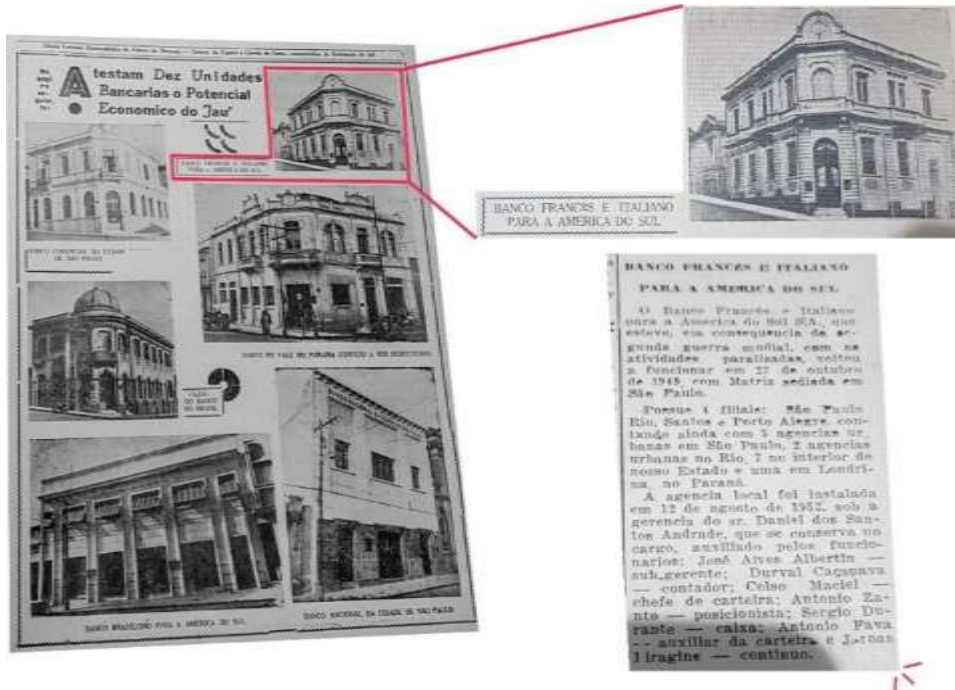
2.2.2 Intervenções nos centros históricos

A principal intenção na preservação de bens não deve se propor com o objetivo de torná-los peças de museu. A preservação, através de novos usos, visa a reintegração dos mesmos à comunidade e a sua perpetuação para as gerações futuras, que acrescentaram novas memórias. Essas, porém precisam ser compatíveis com os valores específicos originais. Assim os bens se tornam “livros que falam, sem que seja necessário lê-lo e cuja última página está em branco para ainda ser escrita pelas futuras gerações” (PIMENTEL; VIVIANE L., 2005).

Com base nisso, toda intervenção feita em qualquer que seja o patrimônio edificado deve resgatar o caráter do edifício ou do conjunto sem ao menos alterar sua essência e equilíbrio, mas sim enaltecendo seus valores principais. (PIMENTEL; VIVIANE L., 2005). Caso contrário, muitos edifícios com valor histórico acabam desaparecendo ou terminam arruinados por terem perdido sua função original. (LYRA, 2016).

Pensando nos centros históricos do interior, mais especificamente de Jaú – São Paulo, a área estudada neste presente trabalho é um exemplo claro desta situação, os três lotes estudados apresentam características coerentes ou não com a sua história, como pode ser visto: primeiro o edifício do antigo Banco Francês e Italiano hoje em dia é uma loja de uso popular. O grande problema dessa situação é a contradição do uso antigo com o atual, já que essa distinção acarreta inúmeros problemas ao edifício antigo.

Figura 3 - Recorte de jornal da inauguração do Banco Francês e Italiano.



Fonte: Edição conjunta extraordinária do Correio da Noroeste – Correio da Capital e Correio de Garça, comemorativa do Centenário do Jaú.

Figura 4 - Edifício do antigo Banco Francês e Italiano.



Fonte: Arquivo Prefeitura de Jaú.

Figura 5 - Edifício do antigo Banco Francês e Italiano hoje em dia.



Fonte: Acervo pessoal autora.

O segundo edifício é um prédio localizado em uma quadra onde apenas apresentam edifícios históricos tombados e fica em frente a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, a qual é um monumento importantíssimo na cidade, visto isso o edifício em questão hoje em dia abriga uma farmácia. Esse exemplo de ocupação não é muito coerente com a proposta histórica do centro de uma cidade que se tem preservado por tanto tempo.

Figura 6 - Edifício da farmácia.



Fonte: Acervo pessoal autora.

Por último os dois outros edifícios tombados são os antigos Fraterno Auxílio Cristão (FAC) e seu prédio adjacente, hoje um centro catequético. Atualmente ambos são de uso da Igreja localizada à sua frente e é ela quem cuida de toda sua manutenção e conservação. Esse exemplo de ocupação já é mais coerente com o que se diz respeito a história arquitetônica de Jaú.

Figura 7 - Edifício da antiga FAC.



Fonte: Prefeitura de Jaú.

Figura 8 - Edifício da antiga FAC atualmente.



Fonte: Acervo pessoal autora.

Figura 9 - Edifício do atual Centro Catequético.



Fonte: Acervo pessoal autora.

Há três momentos distintos, referentes aos centros tradicionais no século XX, segundo Simões Júnior (1994), sendo eles: primeiro o período de apogeu, segundo o período de decadência e por último o período de revitalização urbana. Esse último se volta para a ideia de o centro ser uma boa opção de morada, já que as cidades agora atingiram grande saturação, os centros voltam a ser visto como alternativa atraente do mercado. (SILVA, 2002)

Mas, para que isso de fato ocorra de forma eficiente é preciso ter consciência do uso dado ao edifício histórico, é necessário ter uma certa coerência mínima entre os usos dados aos edifícios, para que não sejam degradados ao longo do tempo.

Com base nisso, o presente trabalho tem a principal função de resgatar a valorização do centro histórico da cidade e fornecer funções adequadas aos edifícios estudados. Além da preocupação com esse resgate histórico a proposta é dar um suporte e apoio a comunidade, especialmente as meninas e mulheres que sofreram alguma violência. Atrelando aos problemas

da sociedade com a cultura que será proporcionada após o restauro e readequação dos quatro bens estudados.

2.3 Preservação

Ao longo da história foi muito discutido e alterado o conceito de patrimônio e do que deveria ser preservado, através de eventos, seminários e congressos. Definiram-se documentos finais, chamados de Cartas Patrimoniais. (LYRA, 2016) Duas delas foram decisivos marcos para a compreensão da reutilização do patrimônio edificado, a Carta de Atenas; na Grécia, a qual lançou internacionalmente os princípios fundamentais da preservação arquitetônica e urbanística e a Carta de Veneza; na Itália, acabou se tornando um divisor de águas entre as formas de definição de preservação no mundo ocidental. (ALTHOFF, 2008). No seu primeiro momento a Carta de Veneza, define ‘‘monumento histórico’’ como:

[...] Art. 1 - O conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetônicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo. (CURY, 2004, p.92)

Com ela, o cenário de preservação se expande a não apenas a arquitetura e os conjuntos monumentais, mas sim a todos os sítios urbanos e rurais, que com o tempo obtiveram valor cultural significativo. (ALTHOFF, 2008)

As ações de preservação podem ser definidas em dois momentos, como afirma Sampaio: o ‘‘processo de reconhecimento e o ‘‘processo de intervenção’’.

O primeiro momento é analisado o que se preservar, então é necessário conhecer, identificar e caracterizar para ser declarado patrimônio cultural. Já no segundo momento entra a etapa de intervenção no edifício histórico. Esse conceito de restauração ao longo do tempo sofreu diversas mutações.

Existem alguns instrumentos para a execução, um deles é o tombamento. Sendo uma imposição legal que dá uma garantia real e definitiva a preservação, impedindo sua descaracterização ou destruição e garantindo sua plena utilização. (GHIRARDELLO; SPISSO, 2008)

2.3.1 Tombamento

Através do Decreto-lei nº 25 (DL 25/37), criado em 1937, o tombamento passa a ser um instrumento jurídico como forma de proteção ao patrimônio cultural brasileiro. Pela Constituição de 1988 tornou o tombamento uma forma de proteção entre as várias do ramo da preservação e a mesma transformou o decreto norma geral nacional, aplicada pelos três entes federativos. (RABELLO, 2015)

A Constituição Federal (CF) conta com dois artigos 215 e 216 que reconhece como interesse público a preservação de bens culturais por meio do tombamento, portanto é ela que determina as bases conceituais do direito coletivo difuso de preservação e fruição do patrimônio cultural brasileiro. Vai além da assimilação de patrimônio como histórico e artístico, estendendo o valor cultural para todas as referências simbólicas e afetivas da sociedade e das comunidades que estão inseridas, pelo art. 216 da CF:

[...] Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.” (RABELLO, 2015, p.3)

O conceito de tombamento é um mecanismo usado para reconhecimento e proteção do patrimônio cultural, sendo dirigido por administrações federais, estaduais ou municipais. É um processo extremamente importante para garantir a preservação para as gerações futuras e impedir a destruição dos bens, sendo eles subdivididos em bens móveis e imóveis, entre os quais estão os conjuntos urbanos, edificações, coleções/ acervos, equipamentos urbanos e de infraestrutura, paisagens, ruínas, jardins, parques históricos, terreiros e sítios arqueológicos. (IPHAN, 2014)

Segundo Maria Cecília Londres Fonseca (2005, p. 181), o tombamento é “[...] a prática mais significativa da política de preservação federal no Brasil”, foi criado junto ao próprio IPHAN e por vezes é considerado como o único e exclusivo instrumento legal para a preservação de patrimônios edificados. (GOMES; CORRÊA, 2011)

Esse ato é um procedimento de conservação preventiva, visando a proibição legalmente de qualquer ato que destrua total ou parcialmente os bens individuais ou em conjuntos. (ALTHOFF, 2008)

A principal função desse processo é reconhecer bens materiais e imateriais com valor cultural que demandem conservação pelos seus valores culturais coletivos públicos, ou seja, é

um direito da população de ter preservado o seu patrimônio cultural público nacional, estadual ou municipal. (RABELLO, 2015)

Com a imposição do tombamento, foram criadas obrigações para todos os proprietários de bens tombados, para o poder público e para toda a sociedade a fim de manter e conservar da melhor forma o bem cultural. (RABELLO, 2015)

Os bens tombados pelos órgãos e conselhos de defesa do patrimônio obedecem uma hierarquia internacional, federal, estadual e municipal, sendo eles: os bens de interesse da humanidade protegidos pela Lista do Patrimônio Universal da Unesco, os bens de interesse nacional são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), os de interesse estadual tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico; Arqueológico; Artístico e Turístico - São Paulo (CONDEPHAAT) e por fim os bens de interesse local são garantidos pelos órgãos de defesa do patrimônio existentes nas cidades. (GHIRARDELLO; SPISSO, 2008)

Todas essas instituições, junto a comunidade são responsáveis por assegurar a conservação dos bens tombados, sendo assim se por ventura algum indivíduo ameaçar ou destruir um bem tombado acarretará em um processo legal, com multas e medidas compensatórias seguindo do veredicto do processo. (PATRIMONIO CULTURAL, 2007)

A Constituição Brasileira, no seu art. 23, determina que:

“É de competência da União, dos Estados, do Distrito Federal e Municípios: III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural.” (ALTHOFF, 2008, p.27)

Fica claro a importância desse processo legal para manter os bens seguros e salvos de qualquer garantia, a preservação e a revitalização são ações que acabam se complementando e valorizam os bens ameaçados influenciando diretamente na qualidade de vida da população. (PATRIMONIO CULTURAL, 2007)

3 ESTUDOS DE OBRAS CORRELATAS

Através dos estudos de caso de obras correlatas, é possível estudar e compreender a especificidade de cada projeto, bem como sua função e uso no meio em que está inserido. Os estudos presentes neste trabalho foram essenciais para o desenvolvimento e entendimento dos patrimônios históricos em meio ao contemporâneo e a forma como foi entrelaçado diferentes épocas em uma mesma arquitetura.

Com base nisso foram feitos três estudos de obras para o desenvolvimento deste trabalho; o primeiro é o Museu Rodin, de Salvador, na Bahia; projetado com a principal intenção de preservar a originalidade do antigo Palacete, sem que a nova construção se sobressaísse de alguma forma ou aspecto, criando uma harmonia entre o existente e o novo.

O segundo é a Praça das Artes em São Paulo; o foco neste projeto é demonstrar o modo como foi aberta a quadra para os diversos usos culturais, artísticos e educativos, além da conexão que foi estabelecida entre a praça pública com o espaço privado do complexo, sendo considerado um projeto de requalificação de um fragmento urbano em processo de degradação e a reutilização dos patrimônios históricos presentes junto aos edifícios novos.

E por fim, o Museu de Arte do Rio, cujo projeto fez uma conexão de duas vertentes, em elas a pedagógica e a museologia, em dois prédios distintos, um modernista e outro eclético, ambos conectados por uma passarela suspensa e cobertura significativa, um projeto que se tornou referência no ramo da arquitetura híbrida.

Desta forma, todos os estudos foram importantes para a assimilação do tema e conceito do projeto, já que cada um, à sua maneira, se relaciona de uma forma singular ao trabalho apresentado.

3.1 Museu Rodin Bahia

Dados técnicos:

Escritório: Brasil arquitetura.

Localização: Graça, Salvador/ Bahia.

Área construída: 3055 m².

Ano do projeto: 2002.

Ano da obra: 2003 – 2006.

Figura 10 - Localização do Museu Rodin Bahia.



Fonte: Google Earth, modificado pela autora.

No ano de 2003 se concretizou uma parceria entre o Governo Estadual Baiano e a Fundação Rodin, com sede em Paris. O fruto desse acordo foi a construção da primeira filial da fundação na América Latina; o local escolhido foi uma mansão do início do século XX, situada no bairro soteropolitano da Graça, onde era a antiga morada burguesa, o ‘Palacete Catharino’, com grande significado histórico e cultural para a cidade, ideal para atender os requisitos técnicos e receber as obras do grande mestre da escultura modernista Auguste Rodin.

Segundo (SEMES, 2009) o local é uma “Estratégia da adição contínua que visa ampliar a estrutura ou conjunto preexistente ao reproduzir diretamente ou imitar com perfeição a forma, o material e o detalhe original”. Sendo assim a escolha do local se deu pelo fato da semelhança física que o palacete tem com o Hotel Biron, espaço onde está situada a sede principal do Musée Rodin de Paris, além de ser um local com potencialidade para transformação em museu apropriado. O jardim é também uma grande promessa, já que as esculturas de bronze poderiam ser dispostas no mesmo. (OSTERKAMP, 2015)

O local escolhido, o Palacete Comendador Catharino, de 1,5 mil metros quadrados, é um casarão edificado entre os séculos 19 e 20; a área não foi suficiente, e por esse motivo, o escritório desenvolveu um anexo ao lado em menor escala, com ligação ao palacete para abrigar exposições temporárias, enquanto o antigo prédio receberia as coleções permanentes (PEREIRA, 2020).

Figura 11 - Fachada do Palacete.



Fonte: Nelson Kon.

Para que essa conexão do anexo funcionasse alguns pontos decisivos no projeto foram observados: a permanência e não interferência das árvores centenárias que ali já existiam, a não competição com a construção já existente e a incorporação ao que já existia, gerando um conjunto articulado e fluido. (BRASIL ARQUITETURA, c2021).

O projeto arquitetônico do Palacete, concluído em 1912 e foi idealizado pelo arquiteto Rossi Baptista e decorado por Oreste Sercelli. É uma obra que traduz a vontade da burguesia baiana da época de se modernizar no estilo dos ingleses e franceses. O edifício evidencia a grandeza artística de uma obra arquitetônica monumental, já que além de residência, constitui uma arquitetura histórica para os habitantes da antiga cidade da Bahia. (MUSEU PALACETE DAS ARTES, 2017).

O modo como foi executado é admirável pela harmonia que se criou entre o antigo palacete e o novo anexo, com as principais propostas de não afetar as árvores centenárias do jardim e do novo volume não competir com a presença dominante da construção histórica, formando um conjunto único e coerente. (GOMES, 2011)

O novo bloco foi instalado de modo tal que não se tenha nenhuma visibilidade do mesmo pela rua, para isso foram respeitados os alinhamentos verticais e horizontais do antigo palacete, bem como sua área e volume, tendo cerca de 1500m², além de ter um piso enterrado no subsolo

do novo anexo, para manter esse gabarito, um espaço que se adapta as exposições temporárias. (FIGUEROLA, 2003)

Desse modo, “convivência” se tornou a palavra que melhor expressa o ideário-guia do projeto, a convivência dos dois edifícios com uma diferença de idade de um século, cada qual com suas características e personalidades próprias, porém ambos unidos. (VITRUVIUS, 2006).

Figura 12 - Elevação Oeste.



Fonte: Revista aU, Figuerola.

O jardim foi projetado com um piso modulado com pedra portuguesa para valorizar seus caminhos, ao longo do percurso estão dispostos obras de Rodin junto a vegetação tropical já existente, que inclui algumas árvores frutíferas, bem como mangueiras, caramboleiras e palmeiras. Se tornou um local de convivência e de encontro da população, com muita arte e cultura (BRASIL ARQUITETURA, c2021). O piso teve função de racionalizar o conjunto, ordenando o passeio dos pedestres, e se tornou um marco para valorização do acesso ao pedestre e a não priorização do acesso de automóveis no local, visto que o acesso do estacionamento é feito pelo subsolo (FIGUEROLA, 2003).

Figura 13 - Jardim Modulado.



Figura 14 - Caminho do jardim.



Fonte: Fabio Marconi.

A intenção deste conjunto foi adequar os espaços para as atividades previamente definidas para o museu, que estão definidas como: no pavimento térreo com ação educativa e recepção, nos outros dois pavimentos exposições da coleção de Rodin e no sótão atividades administrativas. Já, no anexo ao lado foram instalados espaços para exposições temporárias e um café-restaurante. (PEREIRA, 2020). A ligação dos edifícios é feita através de uma passarela de concreto protendido, saindo da torre do palacete e se estende até o anexo, com um total de 18 metros de comprimento, há 3,2 metros do solo, além da sua função principal de passagem, ela contribui como um ‘‘mirante’’ também, para a Porta do Inferno, obra-prima de Rodin, identificado pelo número 8, na Figura 22 (FIGUEROLA, 2003).

Figura 15 - Passarela de ligação.



Fonte: Nelson Kon.

Figura 16 - Passarela na vista do pedestre.



Fonte: Fabio Marconi.

Figura 17 - Vista passarela a noite.

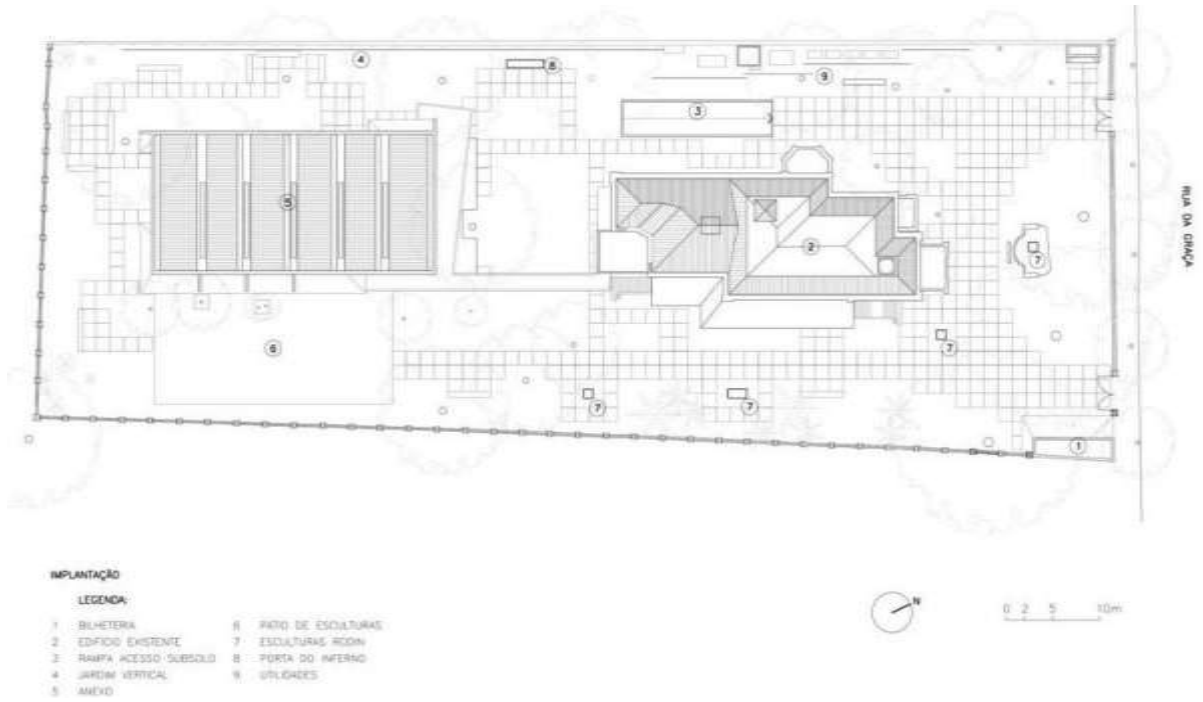


Fonte: Nelson Kon.

O edifício do Casarão é composto por quatro pavimentos, sendo dois deles os principais, repletos de adornos com referência a simbologia maçônica, por conta do Comendador Bernardo e também símbolos católicos, para a família Catharino.

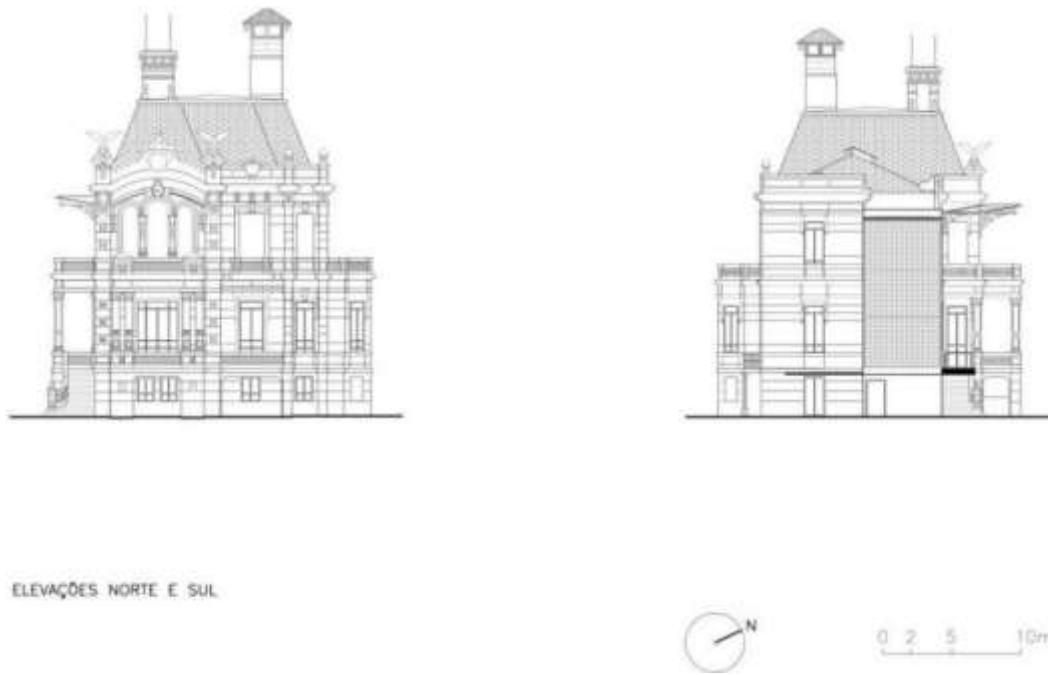
O programa de necessidades do conjunto foi distribuído da seguinte forma: no pavimento térreo; o porão; com um pé-direito mais baixo, abriga o espaço da recepção, loja, sala de monitores, dependências sanitárias e setores administrativos. No primeiro pavimento; o andar mais nobre do palacete; onde ficavam as antigas áreas sociais foi dividido em salas de exposições e biblioteca; no segundo pavimento se instalam grandes salões de exposições para esculturas em gesso (NAHAS, 2010).

Figura 18 - Implantação.



Fonte: ArchDaily.

Figura 19 - Elevação Norte e Sul.



Fonte: ArchDaily.

Para a circulação vertical, foi necessária a criação de um novo sistema mais eficiente, sendo desenvolvido um volume de concreto aparente na parte posterior do edifício histórico, contendo escada e elevador, que fazem a ligação entre os três pavimentos principais. (VITRUVIUS, 2006).

Figura 20 - Vista externa da circulação vertical.



Fonte: Brasil arquitetura.

Figura 21 - Vista interna da circulação vertical.



Fonte: Brasil arquitetura.

Deste modo, o projeto conseguiu cumprir com a sua proposta de preservar a originalidade do Palacete histórico junto ao edifício novo, que não sobressaiu ao antigo, e deu origem a um conjunto harmônico. Por este motivo essa obra é uma referência para o trabalho proposto, pela forma como foi colocado e implantado o anexo de intervenção junto ao edifício histórico.

3.2 Praça das Artes

Dados técnicos:

Escritório: Brasil arquitetura.

Localização: São Paulo/ São Paulo.

Área do terreno: 28500 m².

Ano do projeto: 2006 – 2012.

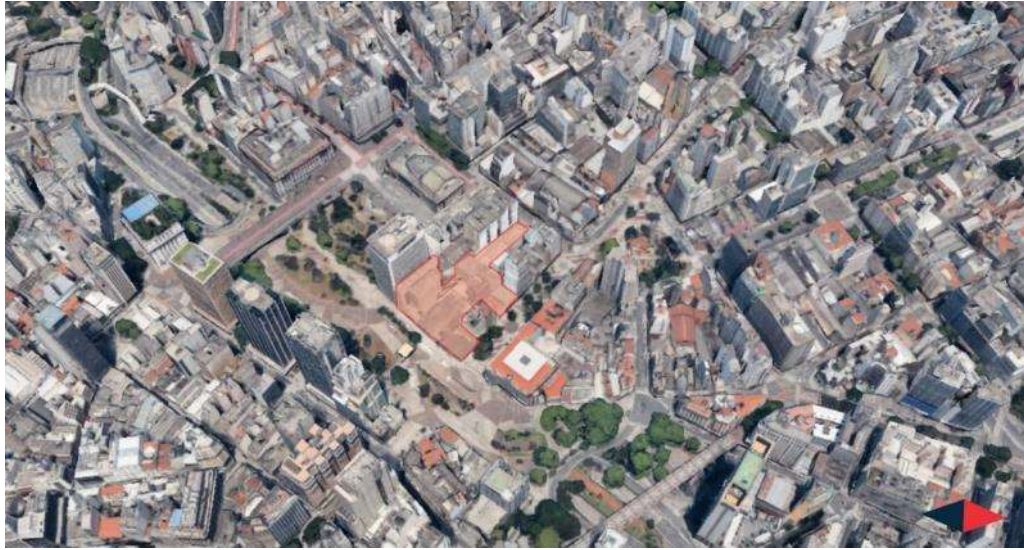
Figura 22 - Praça das Artes.



Fonte: Brasil arquitetura.

Segundo Álvaro Siza: “... uma coisa é o lugar físico, outra coisa é o lugar para o projeto. E o lugar não é nenhum ponto de partida, mas é um ponto de chegada. Perceber o que é o lugar é já fazer o projeto.” A partir dessa afirmação destaca-se que o projeto da praça das artes foi executado em um espaço da cidade já construída, com situações adversas, portanto a base do projeto parte desses desafios enfrentados em um local de tensão e subutilização do mesmo, sendo assim, neste caso projetar é “Captar e inventar o lugar a um só tempo, numa mesma ação” (BRASIL ARQUITETURA, c2021).

Figura 23 - Localização da Praça das Artes.

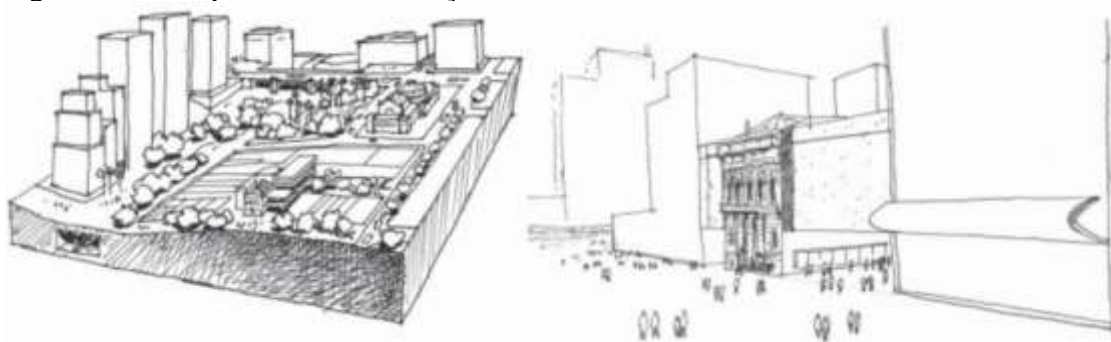


Fonte: Google Earth, modificado pela autora .

A localização está no miolo de quadra, destacado pela figura 27, no centro histórico da cidade. A área do terreno é uma estreita somatória de lotes, pequenas desapropriações próximas a grandes vizinhos, tal como o Cine Marrocos e o edifício comercial CBI-Esplanada. A quadra 27, é o título que se dá ao quarteirão da implantação e foi escolhida de forma criteriosa e assertiva, visto que o Theatro Municipal é vizinho ao complexo (KERR, 2018).

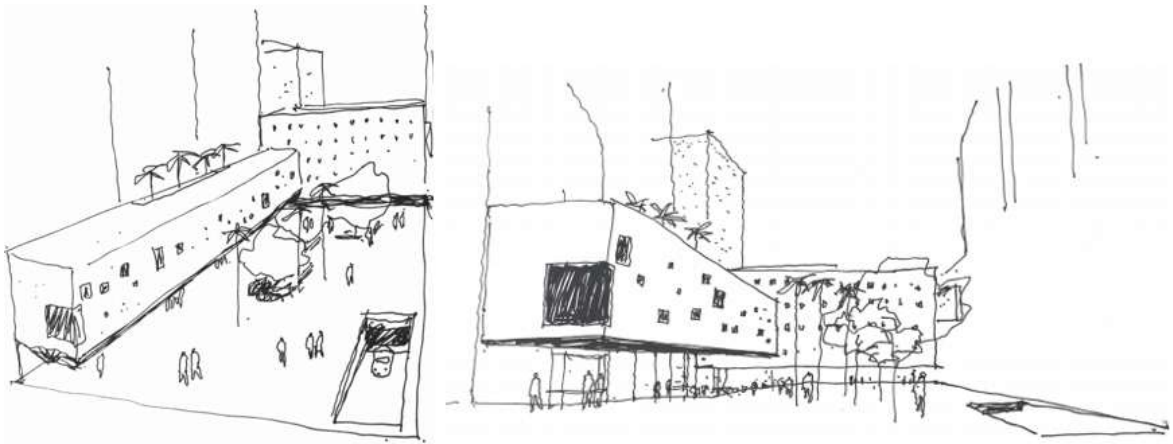
Essa foi uma diretriz inicial da proposta, sendo a Praça das Artes um anexo técnico do Theatro. Após a escolha do terreno os primeiros estudos ficam a cuidados da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, sob coordenação do arquiteto Marcos Cartum, em 2006 foi feito um contrato com o escritório Brasil Arquitetura para o desenvolvimento do projeto executivo (KERR, 2018).

Figura 24 - Croquis iniciais da Praça das Artes, Marcos Cartum.



Fonte: Acervo Casa De Arquitetura de Matosinhos, Portugal.

Figura 25 - Croquis da Praça das Artes, já em versão próxima ao que foi executado, Marcos Cartum.



Fonte: Acervo Casa De Arquitetura de Matosinhos, Portugal.

Figura 26 - Implantação da Praça das Artes.



Fonte: Archdaily, modificado pela autora.

Há alguns anos São Paulo está tentando reverter o processo de degradação do centro histórico, a fim de que a cidade não continue se espalhando de forma descontrolada. Este é um exemplo de espaço esquecido e abandonado, mas que alcançou a reversão, e faz a conexão de três ruas distintas, como identificado pela figura 30 (VITRUVIUS, 2013). O diálogo que o complexo cria com sua vizinhança é o que faz o conjunto único: “Trata-se de uma região com enormes problemas, mas com grande vitalidade e potencial de novos usos”, apontou o arquiteto e sócio do escritório, Marcelo Carvalho Ferraz. (GALERIA DA ARQUITETURA, c2021).

Com um programa de uso rico e complexo, focado nas atividades culturais, profissionais e educacionais de música e dança, tem função de espaço público, convivência e vida urbana. O mesmo se dá a partir do centro da quadra, que se desenvolve em três distintas direções, a do Vale do Anhangabaú, na Rua Formosa; a Avenida São João e pela Rua Conselheiro Crispiniano, as quais dão acesso e passagens para os pedestres para o interior da quadra. (ARCHDAILY, 2013)

Figura 27 - Acessos para a Praça das Artes.



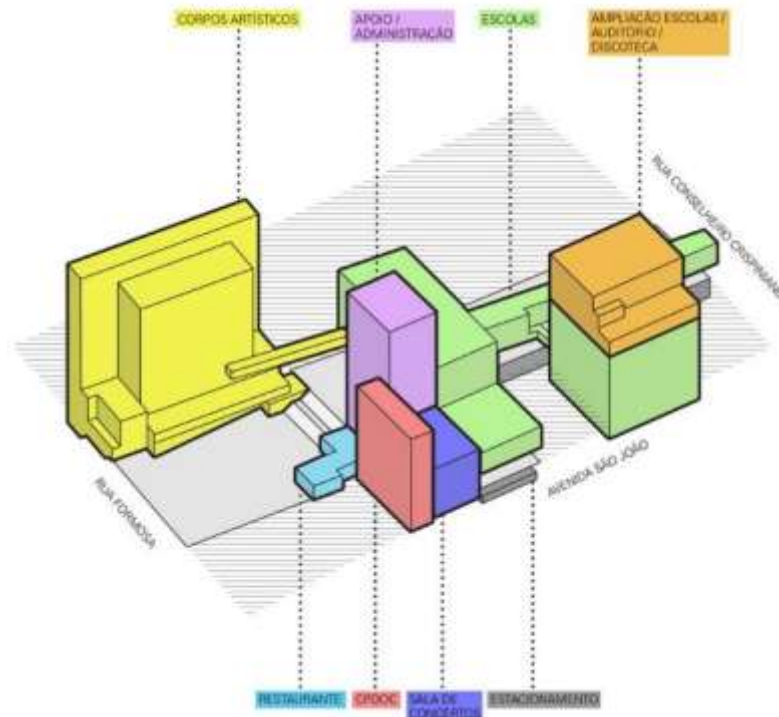
Fonte: Google Earth, modificado pela autora.

O prédio se adequa a estrutura urbana da quadra, mantendo um equilíbrio com seu entorno mais próximo e garantindo um complexo programa, que acabou gerando um espaço público urbano no interior de sua quadra (ARCHDAILY, 2013).

Seu pavimento térreo ficou totalmente livre com as construções de concreto aparente organizadas em volumes ao seu redor, criando um espaço de circulação aberto e autônomo,

assim como comparou o arquiteto Marcos Pasquim, é como se as áreas livres fossem uma continuação natural das ruas (MELLO, c2021).

Figura 28 - Diagrama de usos.



Fonte: Archdaily.

O programa de necessidades ficou estruturado em três grandes módulos:

I. Corpos Artísticos, com ligação a rua formosa e a fachada do antigo Cine, é o bloco das atividades profissionais, sendo a sede da Orquestra Sinfônica Municipal, Orquestra Experimental de Repertório, Coral Lírico, Coral Paulistano, Balé da Cidade e Quarteto de Cordas.

II. Estacionamento com acesso pela rua Conselheiro Crispiniano, com dois subsolos, que atende também ao Theatro Municipal.

III. Escolas e centro de documentação, são os edifícios do térreo da avenida São João junto ao antigo Conservatório Dramático Musical, para atividades educativas, como: Escola de música, Escola de Bailado, restaurante, área de convivência, espaço para o acervo de documentação artística e área administrativa. (KERR, 2018).

O Antigo Conservatório Dramático Musical de São Paulo, marco histórico e arquitetônico muito importante que comporta uma sala rara de recitais, que estava inutilizada.

A restauração e reabilitação desse edifício foram destaques no projeto, bem como a conexão do mesmo com as novas construções do complexo. (ARCHDAILY, 2013), foram instaladas uma sala de concerto, música de câmara, sala de exposições e um grande auditório com qualidade acústica (MELLO, c2021).

As exposições que ali ocorrem incluem itens do acervo histórico do Theatro Municipal e mostras de arte contemporânea, os quais são expostos nesta sala e nas áreas abertas no térreo. (THEATRO MUNICIPAL, c2021)

As construções antigas que já se encontravam no local foram restauradas e integradas na obra, como a fachada do Cine Cairo, que mesmo não sendo tombada foi preservada e mantida como memória de uma época da cidade (MELLO, c2021). Foi inaugurado no ano de 1949, entre os anos 1950 e 1960 era o local onde se exibia westerns, os filmes de faroeste, seu apogeu durou 50 anos, vindo depois a decadência, até ser desapropriado pela prefeitura em 2004. (KERR, 2018).

Figura 29 - Acessos para a Praça das Artes.



Fonte: Google Earth, modificado pela autora.

Desse modo, a Praça das Artes de São Paulo foi de grande valia para a diretriz deste trabalho, visto que é semelhante como projeto de requalificação de fragmento urbano que conta com diversos patrimônios históricos sem função, propondo novos usos para o local.

3.3 Museu De Arte Do Rio (Mar)

Dados técnicos:

Escritório: Bernardes e Jacobsen Arquitetura

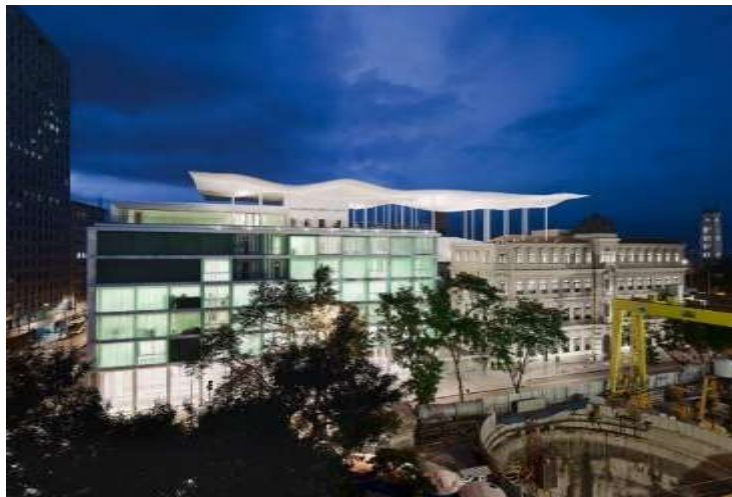
Localização: Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro.

Área do terreno: 2300 m².

Área construída: 11240 m².

Ano do projeto: 2010 - 2013.

Figura 30 - Fachada do Palacete.



Fonte: Andrés Otero.

A prefeitura do Rio de Janeiro tem um projeto de revitalização da zona portuária do Rio, o “Porto Maravilha”, o qual conta com diversos projetos idealizados e em andamento para a reestruturação da região, com o intuito de promover a ampliação, articulação e requalificação dos espaços públicos, visando uma melhor qualidade de vida dos atuais e futuros moradores, além da sustentabilidade ambiental e econômica da área portuária. O Museu de Arte do Rio (MAR) é um desses projetos idealizados. (MUSEU DE ARTE DO RIO, 2019).

A proposta do MAR é promover uma leitura transversal da história da cidade, seu tecido social, sua vida simbólica, conflitos, contradições, desafios e expectativas sociais. O conjunto é definido por dois prédios distintos, ligados por uma passarela de estrutura metálica, sendo

esses, um patrimônio tombado eclético, o qual abriga as salas de exposições e um edifício modernista que compreende a Escola do Olhar. (MUSEU DE ARTE DO RIO, 2019).

Esses dois edifícios são frutos de três construções preexistentes, o Palacete D. João VI, um edifício eclético da década de 1910, o qual estava sem uso e deteriorando gradativamente, o outro é a estrutura da marquise que atendia ao Terminal Rodoviário Mariano Procópio, na década de 1950 e por fim, um edifício modernista, em que funcionava o Hospital da Polícia Civil José da Costa Moreira. (BALSINI, 2015).

Figura 31 - Localização do Museu de Arte do Rio.



Fonte: Google Earth, modificado pela autora.

O grande desafio dos arquitetos foi unir três construções existentes com características arquitetônicas distintas, com o objetivo de abrigar o Museu de Arte do Rio, a Escola do Olhar, além de espaços para cultura e lazer (JACOBSEN ARQUITETURA, 2015). Também foi requisitado aos autores que o projeto tivesse um símbolo, um marco arquitetônico que retratasse a mudança nessa região portuária, sendo um desafio estrutural que se tornaria um ícone para a região, o qual acabou se transformando em um traço da identidade dos arquitetos, que é a cobertura em formato de onda que faz a ligação entre os dois edifícios e gera um conjunto harmônico. (MELLO, 2018)

Figura 32 - Cobertura em formato de onda.



Fonte: Leonardo Finotti.

Como afirma Paulo Jacobsen “Estamos nos referindo a uma arquitetura de caráter poético e carregada de significado; simples e, ao mesmo tempo, moderna na questão de cálculo estrutural”, sendo assim, o conceito do projeto se tornou essa referência a leveza, como uma retratação de um véu, estendido sobre o conjunto. Segundo Paulo Jacobsen o conceito se estende para o interior da Escola do Olhar, a qual tem uma grande quantidade de luz infiltrada pelos vidros translúcidos em um tom meio esverdeado, o qual remete o contexto da orla. (MELLO, 2018).

Figura 33 - Cobertura em formato de onda a noite.



Fonte: Bruno Bartholini.

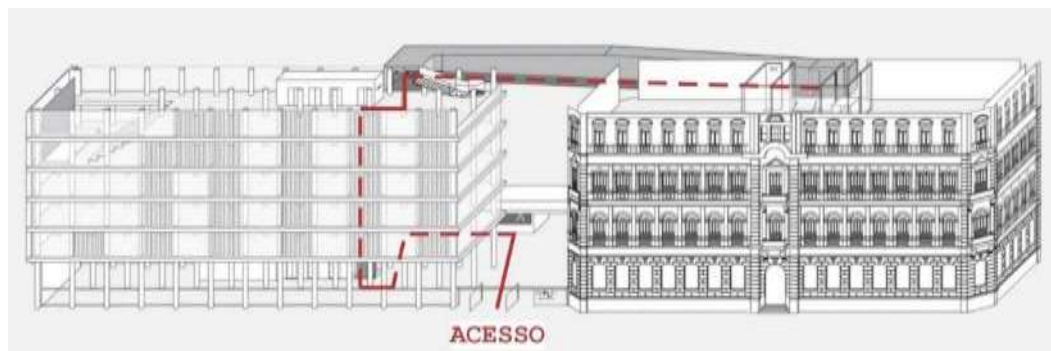
Figura 34 - Interior da Escola do Olhar.



Fonte: Andrés Otero.

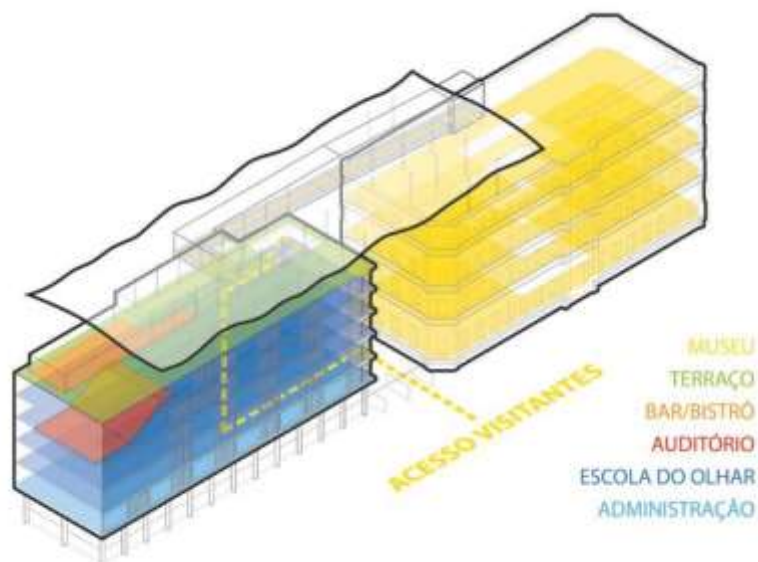
O acesso ao conjunto se dá pela escola através de elevadores que levam os visitantes à cobertura. A partir deste ponto há o acesso ao museu, através de uma passarela. Então a visitação ao conjunto é feita de cima para baixo, já que a praça suspensa na cobertura do prédio modernista une todos os acessos e abriga um bar, uma área para eventos culturais e de lazer. O palácio conta com áreas expositivas do museu, já que o mesmo possui um grande pé-direito. O prédio da escola, é destinado as aulas, auditórios, área de exibição multimídia, áreas administrativas e áreas de funcionários do complexo. (AASARQUITETURA, 2013).

Figura 35 - Acesso ao conjunto.



Fonte: Museu de Arte do Rio, modificado pela autora.

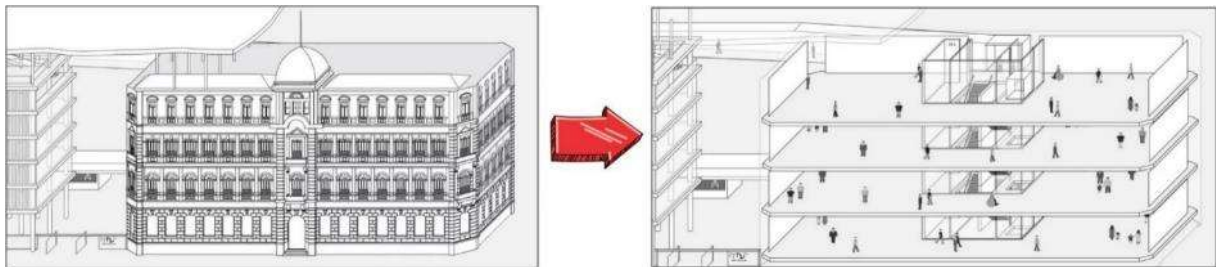
Figura 36 - Diagrama.



Fonte: Archdaily.

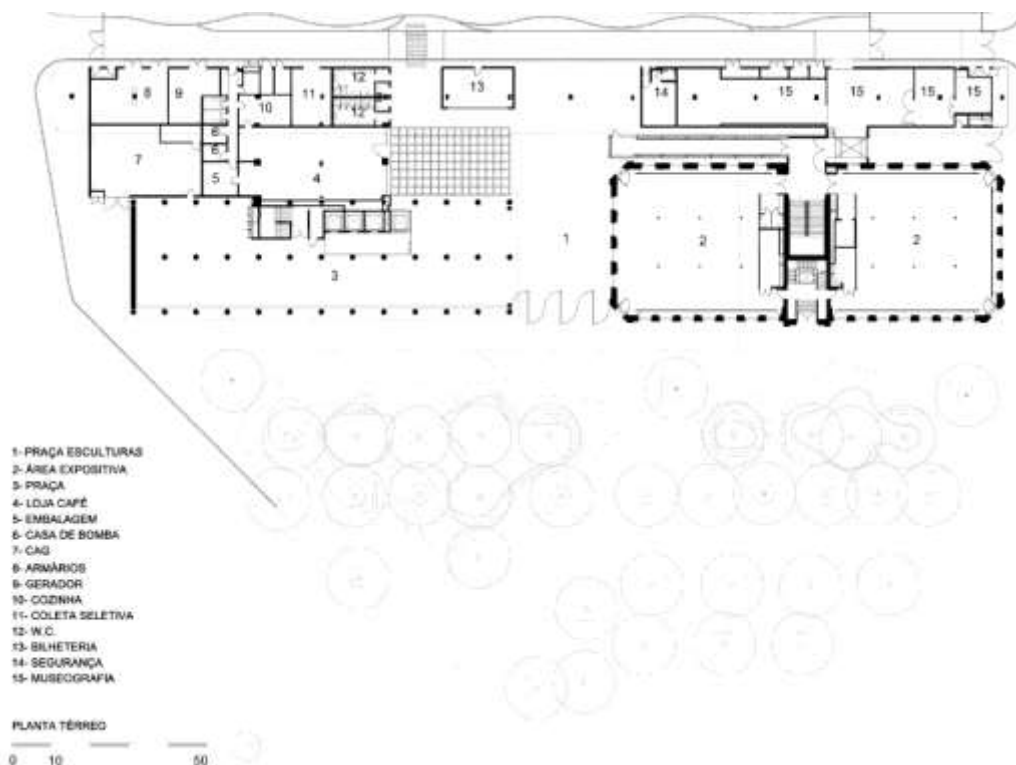
O prédio eclético de 1916, tombado, que hoje comporta o MAR, abriga o pavilhão de exposições, oito amplas salas, dedicadas a mostras de curta e longa duração, além do seu próprio acervo, com mais de 12 mil peças. Os autores que ali se apresentam são artistas que pensam o Brasil ou são apaixonados pelo Rio de Janeiro. São quatro andares, todos com sinalização de segurança, acessibilidade e banheiro, sendo o terceiro andar todo dedicado a Cidade Maravilhosa. (GUIA CULTURAL CENTRO DO RIO, 2015).

Figura 37 - Fluxo dos pavimentos do museu.



Fonte: Museu de Arte do Rio, modificado pela autora.

Figura 38 - Planta do térreo do conjunto.



Fonte: Archdaily.

Figura 39 - Fachada do Palacete reformado.

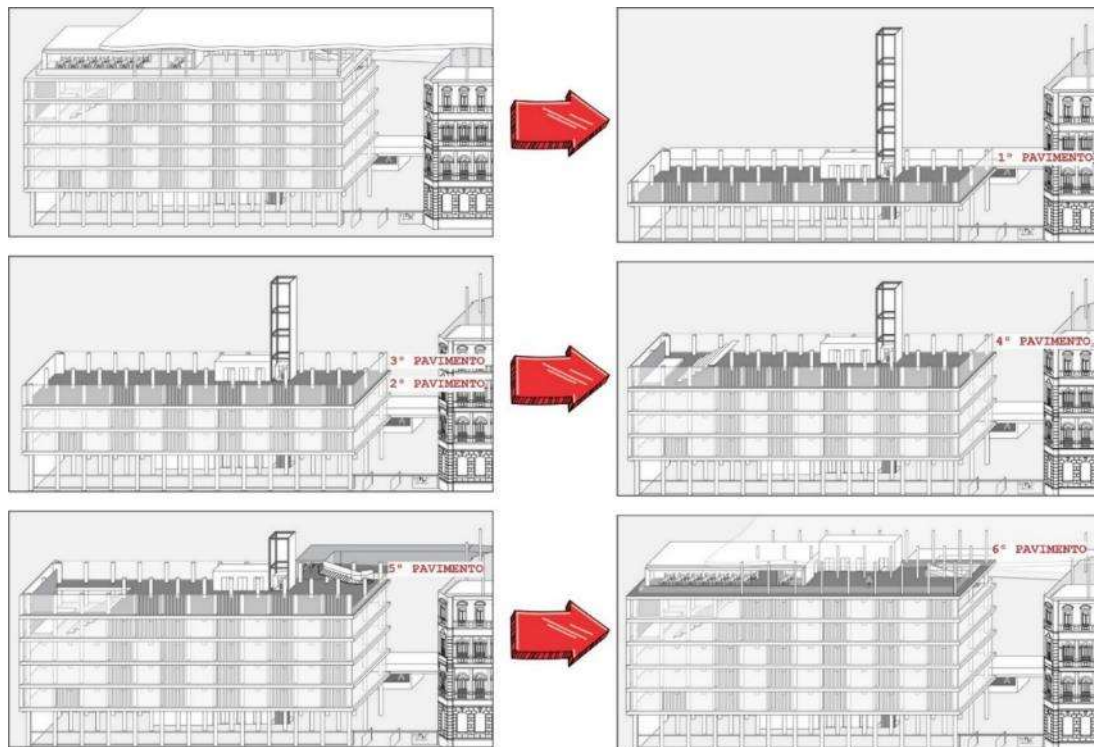


Fonte: Alexandre Macieira.

Ao lado encontra-se o prédio modernista, da década de 50, onde está situada a Escola do Olhar, em que se realizam vários cursos e atividades com foco na formação educacional em diversos níveis, desde o ensino infantil ao da pós-graduação, bem como na formação continuada para professores da rede municipal e de estudantes de Artes (VITRUVIUS, 2015). Conta com programas acadêmicos de pesquisa, estudos e debates, com diversas salas de aula e um auditório para mais de cem pessoas, são oferecidos cursos, palestras e seminários. (GUIA CULTURAL CENTRO DO RIO, 2015). Sendo assim, a partir da Figura 44 identificamos o primeiro pavimento como um andar para administração, o segundo e terceiro pavimento compreendem os espaços do olhar, o quarto pavimento a biblioteca, o quinto pavimento auditório e o acesso para a passarela e por fim, no sexto pavimento está o mirante e restaurante.

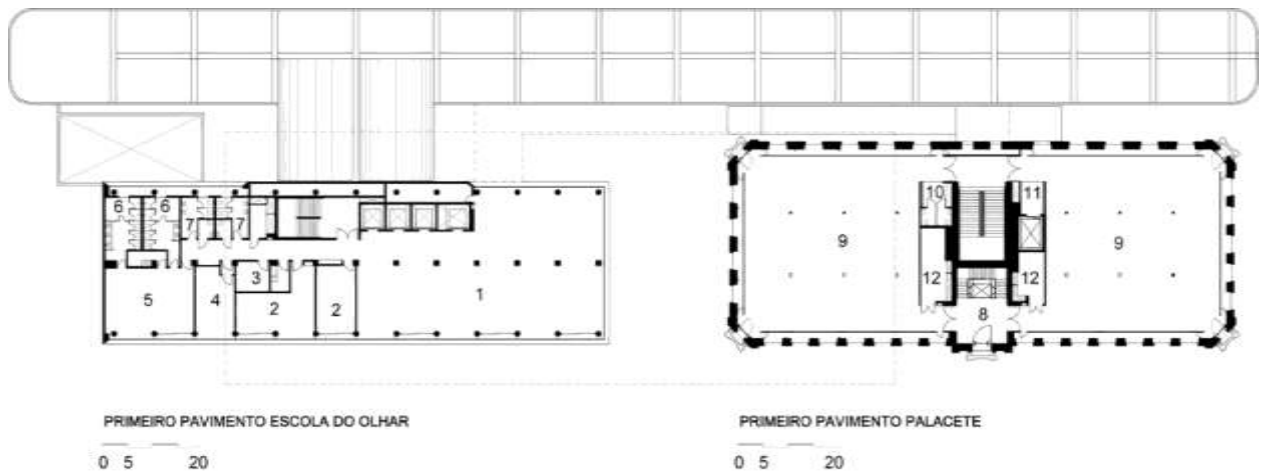
“Uma escola que tem um museu e, ao mesmo tempo, um museu que tem uma escola: integração entre arte e educação.”, então esse é um espaço proativo de apoio à educação e à cultura, cuja proposta inovadora veio para se tornar referência para ações no Brasil e no exterior, ao juntar arte e educação a partir do programa curatorial que norteia a instituição. (MUSEU DE ARTE DO RIO, 2019).

Figura 40 - Fluxo dos pavimentos da escola.



Fonte: Museu de Arte do Rio, modificado pela autora.

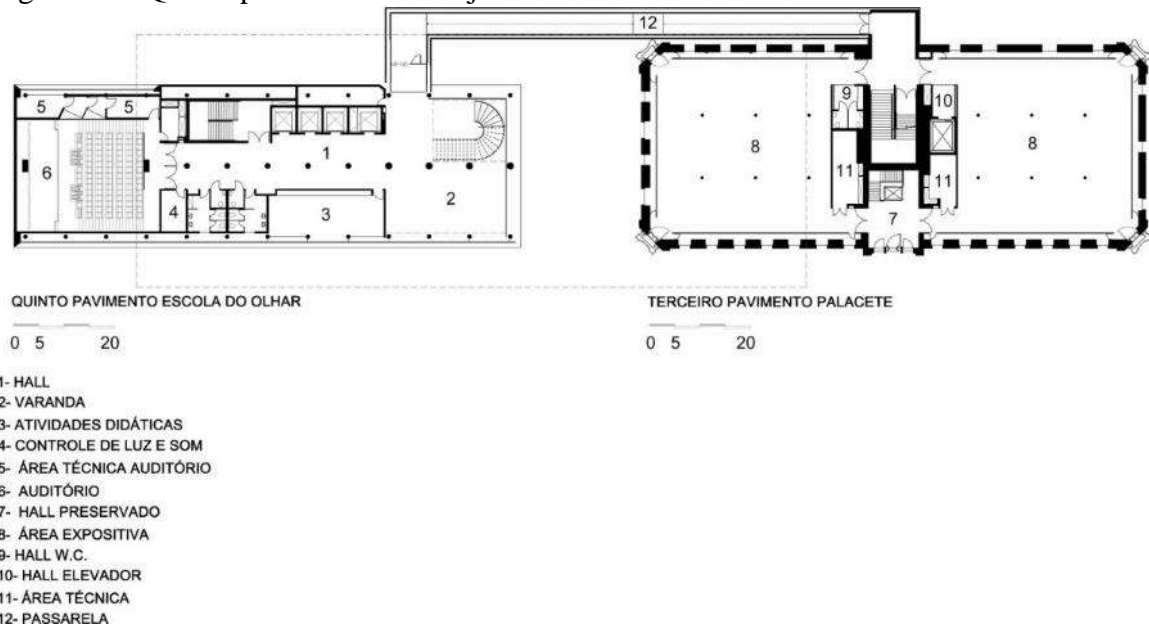
Figura 41 - Primeiro pavimento do conjunto.



- 1- ÁREA ADMINISTRATIVA DE MÚLTIPLO USO
 2- SALA ADMINISTRAÇÃO
 3- ALMOXARIFADO
 4- ÁREA TÉCNICA
 5- SALA FUNCIONÁRIOS
 6- VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS
 7- W.C.
 8- HALL PRESERVADO
 9- ÁREA EXPOSITIVA
 10- HALL W.C.
 11- HALL ELEVADOR
 12- ÁREA TÉCNICA

Fonte: Archdaily.

Figura 42 - Quinto pavimento do conjunto.



Fonte: Archdaily.

A concepção desse edifício moderno foi feita através da demolição da antiga construção, mantendo apenas a estruturação e os níveis das lajes existentes, adequado para o programa de uso da escola. Para isso foi preciso fazer a remoção do último andar a fim de que a cobertura, em formato de onda, se nivelasse com o palacete ao lado. Sua fachada foi remodelada com a aplicação de fechamentos translúcidos e pilotis no nível do pedestre. (BALSINI, 2015).

Figura 43 - Vista do conjunto.



Fonte: Aasarquitetura.

Figura 44 - Lateral da Escola do Olhar.



Fonte: Andrés Otero.

Outro diferencial do MAR é o cuidado que se tem com os moradores do entorno, os quais ganham uma carteirinha de livre acesso às atividades e usos do complexo através do programa “Vizinhos do MAR”; são promovidos atividades, visitas, encontros para debates e um café da manhã semanal para os mesmos (GUIA CULTURAL CENTRO DO RIO, 2015).

A acessibilidade também é um ponto que foi muito pensado e aplicado em todo o projeto, além dos itens básicos disponibilizados, existe uma maquete tátil do conjunto arquitetônico e grupos especialmente treinados para orientar essas pessoas com deficiência (GUIA CULTURAL CENTRO DO RIO, 2015).

Este é um projeto arquitetônico que se relaciona com condições de hibridismo, já que faz a união de componentes díspares distanciados no tempo, sendo esses o eclético e o moderno coexistindo com as intervenções contemporâneas instaladas, além da diversidade de estilos de projetos, um de cunho pedagógico e outro museológico. “Consideramos que o híbrido, como objeto imperfeito, fruto de um contexto contemporâneo, também pode gerar espaços poéticos, marcos referenciais para a cidade. Observamos, ainda, que este híbrido não traz soluções definitivas, mas antes aponta caminhos e novas estratégias de projeto”. (BALSINI, 2015).

Portanto, o Museu de Arte do Rio se tornou uma referência bem-sucedida de arquitetura híbrida, definida a partir da revitalização e união de construções já existentes,

consequentemente é uma referência a este trabalho presente, já que o mesmo também irá fazer a revitalização de edifícios tombados, bem como a junção com outros já existentes e propostos

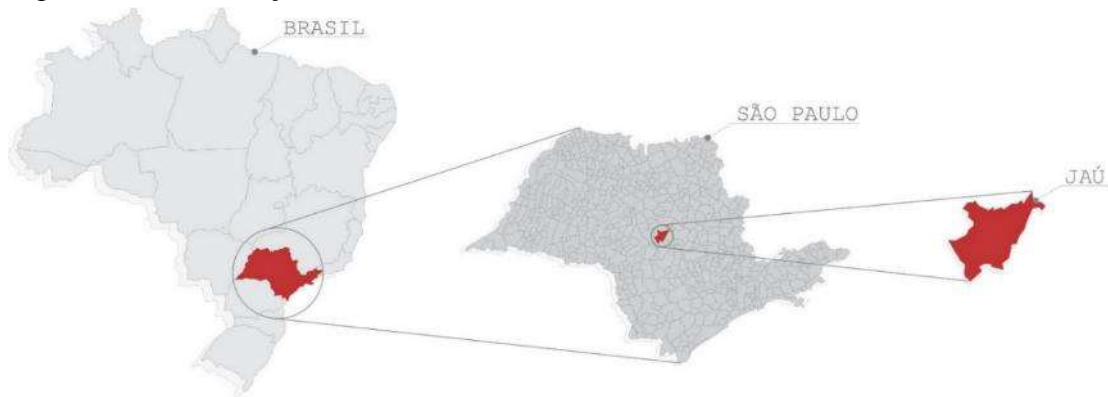
4 CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA

O presente trabalho tem como localização o município de Jaú – São Paulo, deste modo a abordagem presente neste capítulo será toda dedicada as características e os elementos significativos da cidade. Serão citados temas, como: a contextualização do local, os dados importantes do município relevantes para o trabalho, um breve histórico com ênfase na região do centro histórico da cidade e seus patrimônios e pôr fim a problemática da área, motivo do trabalho.

4.1 Contextualização

O município de Jaú está localizado na região central do estado de São Paulo, a 296 km da capital, no seu entorno próximo, em um raio de 200 km estão situadas algumas cidades que são referências econômicas, como Campinas, Ribeirão Preto, Araraquara, Bauru, Rio Claro e São Carlos. (JAÚ, 2019).

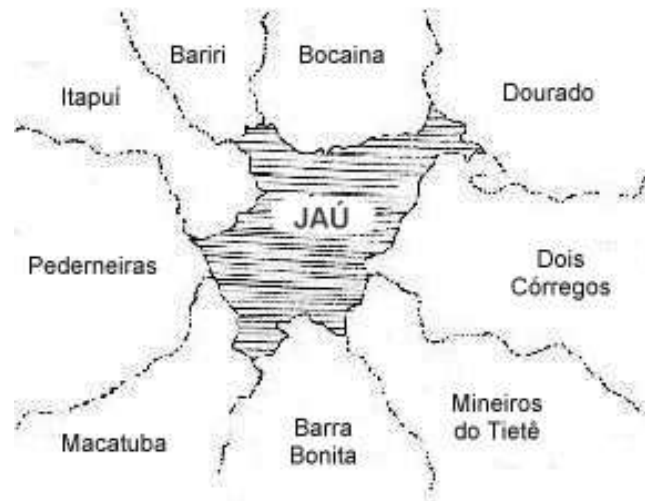
Figura 45 - Localização de Jaú.



Fonte: IBGE, modificado pela autora.

Ao seu redor as cidades que fazem divisa são: ao norte Bocaina, ao nordeste Dourado, ao leste Dois Córregos, a oeste Pederneiras e Itapuú, a noroeste Bariri, ao sul Barra Bonita e Mineiros do Tietê e a sudeste Macatuba (CAMARA JAU, 2021)

Figura 46 - Região de Jaú.



Fonte: Câmara Jaú.

4.1.1 Dados

Segundo o (IBGE, 2020) a população jauense está estimada em 151.881 pessoas em uma área territorial de 687,103 km² e uma densidade demográfica de 191,09 hab/km². A cidade é provida de rodovias estaduais e municipais, sendo as estradas de acesso: SP-225, que liga a Brotas, Itirapina (Rodovia Washington Luis), Bauru e Marília; SP-255, que liga a Bocaina, Araraquara, Barra Bonita e São Manuel; SP-304, que liga a Bariri e Santa Maria da Serra. Possui aeroporto privado, do Grupo Camargo Correa, e está distante 55 km do aeroporto de Bauru, 65 km de Araraquara, 160 km de Ribeirão Preto e 204 km de Viracopos/Campinas. Do porto de Santos está a 395 km. (JAÚ, 2019).

O município é banhado pelo rio Tietê e seus afluentes rios Ave Maria e Jahu, também usufrui da hidrovia Tietê-Paraná pelo transporte intermodal hidro-ferro-rodoviário, os demais cursos d'água que travessam o município são córregos e ribeirões. Com um solo propício para atividades agrícolas, a terra predominante é de Latossolo roxo, com textura argilosa e muito profunda (JAÚ, 2019).

Através dessas terras férteis, houve sucessivas safras cafeeiras no final do século XX, o que garantiram todo desenvolvimento da cidade. Esse fato é registrado pela estatística da

Estrada de Ferro do Rio Claro (The Rio Claro Railway), posteriormente Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a qual cita “[...] Jahu foi o município de liderou os embarques de café, para o porto de Santos, no litoral paulista, desde 1895, gerando para a companhia ferroviária maior receita de carga, dentre as principais cidades produtoras [...]”’. (SANTOS; FELTRIN JUNIOR, 2009).

Esse fato foi de grande valia para a região, pois atraiu grande número de imigrantes, que posteriormente trocaram suas atividades agrícolas por profissões urbanas já conhecidas em seus países de origem, sendo eles, em grande parte, italianos, portugueses, espanhóis e sírio-libaneses. Esses deram suporte para a mão-de-obra da cidade, para a construção e o comércio, sendo fundamentais para a produção arquitetônica existente (SANTOS; FELTRIN JUNIOR, 2009)

4.2 Breve Histórico

O município de Jaú tem uma longa e antiga história que começa com os bandeirantes que navegavam pelo rio Tietê, e pescavam na foz de um ribeirão, fisingando um grande peixe chamado Jahu. O local desde então ficou conhecido como Barra do Ribeirão do Jahu. Esse nome tem significado na língua Tupi-Guarani-Kaingangue, sendo “Ya-hu” um peixe guloso, comedor, grande bagre, mas também segundo a lenda é considerado “o corpo do filho rebelde”. (JAÚ, 2019)

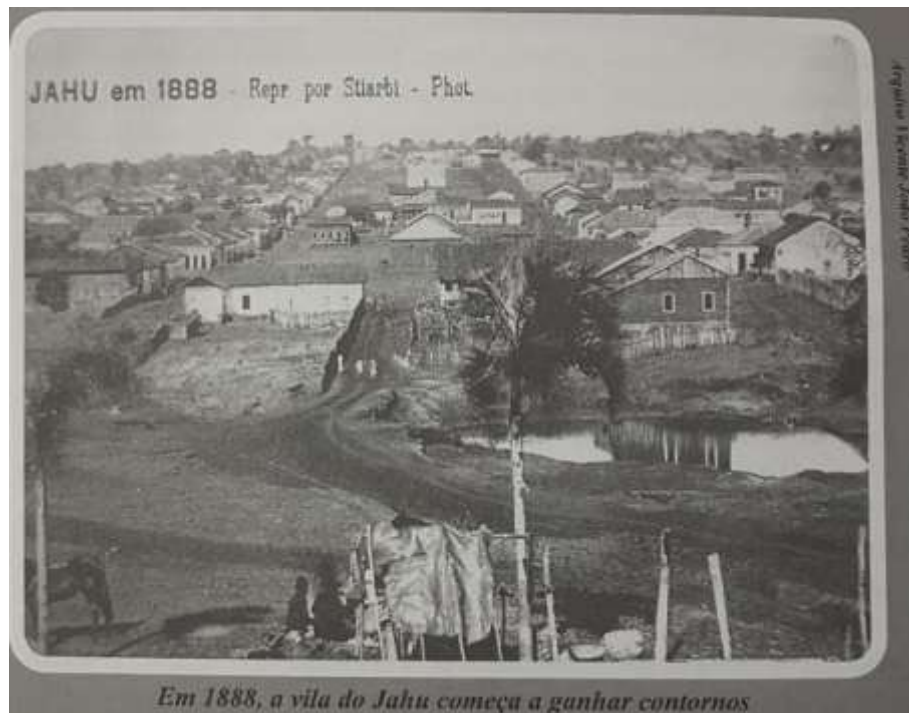
4.2.1 Centro Histórico

Meados do século 18 foi quando houve a ocupação da região hoje conhecida como Jaú, os primeiros povoadores foram monçoeiros que navegavam pelas águas do rio Tietê. Em 1830, um foragido da justiça de Araraquara, Antonio Dutra abriu trilha até chegar ao rio Jaú, tomou posse das terras à margem direita para plantar e criar, um local conhecido por Fazenda Velha, mais tarde chamado de Fazendas Pousos Alegre de Baixo, Pousos Alegre de Cima e Santo Antônio. (PRADO, 2011).

O posseiro foi morto pouco tempo depois e seus filhos venderam a posse em duas glebas para Francisco Gomes Botão; pioneiros chegaram e ocuparam o sertão se fixando. Entre 1948 e 1951 data que por lei foi fundada a cidade. (PRADO, 2011).

Entre 1860 e 1960 a cafeicultura gerou grandes momentos para a história da cidade. Foi um período de ápice e grande desenvolvimento e riqueza. Depois dessa fase a lavoura continuou sendo cultivada, mas passou a ceder lugar à cana-de-açúcar. (PRADO, 2011).

Figura 47 - Vista panorâmica de Jahu em 1888.



Fonte: Stiarbi, acervo Vicente João Pedro.

Segundo Bianco (2011, p. 35, *apud* Prado, 2011),

[...] o café construiu a cidade de Jaú, essa riqueza pode ser vista nas edificações, nos casarões que até hoje guardam a memória de uma época. Praticamente tudo o que há na cidade, inclusive a igreja matriz, foi patrocinado pelo dinheiro do café.” (BIANCO, *apud* Prado, 2011, p. 35).

Quando houve a grande depressão e as economias despencaram, a queda do preço da saca de café ocasionou uma grande crise, que freou o desenvolvimento acelerado, terminando só com a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945. (SANTOS; FELTRIN JUNIOR, 2009).

4.2.2 Igreja Matriz

Por volta do ano de 1853 as famílias religiosas eram obrigadas a atravessar uma floresta a 50 quilômetros até a Capela de Brotas para a prática dos atos civis e religiosos. Considerou-

se a criação de ao menos uma capela (atualmente a Matriz) e um cemitério (atualmente a escola Major Prado) no povoado. Visto isso, após uma comissão, ficou decidido que a Capela deveria ser construída a margem esquerda do rio Jaú e também esquerda do córrego da Figueira. (MATRIZ, 2021).

Figura 48 - Esquema da formação urbana na década de 1850.



Fonte: Lucas Fernando Moretti, a partir de Masseran.

Bento Manoel de Moraes Navarro sugeriu que a povoação fosse fundada sob a invocação de Nossa Senhora do Patrocínio, então seguiu até Itu onde adquiriu a imagem e a fez transportar através de um banguê até o povoado. Como ficava as margens do Ribeirão Jahú, passou a se chamar Nossa Senhora do Patrocínio de Jahú. (TEIXEIRA, 1900).

Ainda segundo Sebastião Teixeira (1900, p. 27):

[...] Em 1853 Francisco Gomes Botão, Manoel Joaquim Lopes, Joaquim de Oliveira Matosinhos e outros reúnem-se em casa de Lúcio de Arruda Leme, para tratarem da criação da vila. Nessa ocasião o Padre Joaquim Feliciano de Amorim Cigar celebra a missa padroeira na capelinha rústica. Nesse mesmo local, meio século mais tarde seria erguido o templo atual, belo e imponente.

O primeiro pároco de Jahu, padre Joaquim Feliciano de Amorim Sigar e o Capitão José Ribeiro de Camargo demarcaram as ruas do povoado, fazendo o seu alinhamento, que rapidamente cresceu, até hoje vemos todas as ruas cruzando-se em um xadrez perfeito. Porém o Povoado de Nossa Senhora do Patrocínio do Jahu necessitava de uma melhor acomodação para o exercício da fé católica. (TEIXEIRA, 1900).

Figura 49 - Esquema da formação urbana em 1895.



Fonte: Lucas Fernando Moretti, a partir de Masseran.

De acordo com Sebastião Teixeira (1900, p.115),

[...] A primitiva igreja que aqui se levantou fôra construída com achas e folhas de jeribá. Essa foi substituída pouco depois por uma pequena capella feita de madeira pelos finados Bento Manoel de Moraes Navarro e Capitão José Ribeiro de Camargo.

A igreja não foi condizente com as necessidades da religião e da cidade da época. Sendo uma fase de progresso, foi decidida a construir um novo templo que condissesse com a grandeza da religião e ao mesmo tempo com o adiantamento de Jaú. (TEIXEIRA, 1900).

Figura 50 - Primeira capela de Jaú.



Fonte: Tosacano.

Já em 1856, Jahu contava com aproximadamente dois mil habitantes e entrou para categoria de distrito. Logo houve a construção de um novo templo para atender ao progresso que o povoado vinha adquirindo. Foi então demolida a primeira capela e construída uma de madeira. (TOSCANO, 2001).

Figura 51 - Segunda capela de Jaú.



Fonte: Tosacano.

Em 1868 se iniciou a construção de um terceiro templo, feito de tijolos, mais amplo, moderno e imponente. Por conta de alguns problemas financeiros da época a construção só foi concluída em 1888, momento que a população já não estava mais com a mesma condição econômica. (TOSCANO, 2001).

Houve uma grande procura dos moradores em edificar um templo que representasse a grandeza da cidade e do seu progresso, ascendente graças à cultura cafeeira. Na última década do século XIX, com a chegada dos imigrantes italianos a população do município foi para 32.732 habitantes. Para a construção do quarto templo foi chamado o engenheiro-arquiteto João Lourenço Madein, recém chegado da Bélgica, para elaboração de um projeto que acabou se tornando uma catedral e basílica pela sua importância, estilo e dimensões. (TOSCANO, 2001).

A nova Matriz, no estilo gótico, se tornou um dos monumentos mais notáveis de São Paulo e do país, assim como descreveu Sebastião Teixeira em seu livro (1900, p.118),

[...] Vasada no estylo gothico, de uma elegancia e correção de formas admiraveis, a futura Matriz do Jahú virá a ser o primeiro monumento christão de S. Paulo e um dos mais notaveis do Paiz. Aquellas columnas doricas; aquelles lavores bysantinos, que guardam a morada de Deus; aquellas naves rasgadas com todo o esplendor dos preceitos geometricos; aquelles feixes de luz illuminando pelas ogivas a belleza adoravel da concepção artistica; aquellas agulhas alçadas na torre do grande zimborio, enfim tudo aquillo faz lembrar a Renascença, de cuja escola parece ser discipulo o illustre architecto.

[...] Todas as peças como janellas, columnas, etc., são de pedra artificial e fabrica das mesmo no Jahu.. A grande janella sobre a entrada principal bem como as janellas lateraes, de 6 metros de diametro, aos oitões da cruz, estão assentadas com essa pedra e dão um aspecto grandioso ao edificio. A cobertura foi feita com telhado cor de ardosia, fabricado tambem no proprio local. A administração technica desta obra monumental está confiada ao habil engenheiro architecto sr. João Lourenço Madein.¹

¹ Fonte: Leonidio Porto – Notas de viagem correio do Jahú, edição de 17 de outubro de 1897.

Figura 52 - Nova Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocino.



Fonte: Ricardo Dal'Bó.

Figura 53 - Croqui da nova Igreja Matriz.



Figura 54 - Igreja Matriz atualmente.



Fon

Fonte: Marcelo Chiodo João Pedro.

4.3 Patrimônio

Para entendermos um pouco sobre a arquitetura jauense é preciso voltarmos para a época de 1900 até 1930, que foi palco de inúmeras transformações na cidade, bem como no mundo todo.

Na Europa a Revolução Industrial trouxe a construção de diversas estradas de ferro, máquinas a vapor, manufaturados e produção em série, impondo aos países que estavam se industrializando um controle de mercado para seus produtos. A classe emergente, que conhecemos como burguesia, concentrou novas condições de vida nas habitações e máximo conforto. (SANTOS, FELTRIN JUNIOR, 2009).

O Brasil, assistia a substituição da mão-de-obra escrava por imigrantes europeus, contribuindo para a formação das oficinas de construção. A arquitetura das construções sofreu forte influência dos padrões e técnicas europeus. (SANTOS, FELTRIN JUNIOR, 2009)

O estilo que melhor atendeu as necessidades desta classe emergente foi o ecletismo, um estilo que propunha a união de diversas fases, como neoclássico; neogótico; neorromânico e neobarroco, preservando as características mais eficazes que eles têm. (SANTOS, FELTRIN JUNIOR, 2009).

Figura 55 - Panorama da cidade.



Fonte: Álvaro Floret.

No auge do café foi possível a realização de diversas construções históricas e casarões, pertencentes aos grandes proprietários de fazendas cafeeiras.

Hoje a cidade conta com mais de 400 edifícios tombados e é uma das que mais preserva e zela por isso dentro do estado de São Paulo. Nem sempre foi assim, em meados da década de 1980 um grupo de jovens se reuniu para a fundação de uma Associação Ambiental e Cultural chamada Apuã, uma das primeiras organizações não-governamentais (ONGs) do interior paulista a fim de chamar atenção para questões ambientais e levantar discussões sobre o patrimônio histórico e ambiental da cidade. (PRADO, 2011)

A partir disso, o poder público começou a valorizar e preservar seus edifícios, com protestos e debates dessa organização, os feitos realizados por esses jovens foram realmente valiosos para a cidade, tal como: o impedimento da demolição da Casa Paroquial, que se encontra em uma das esquinas do cruzamento das Ruas Major Prado e Visconde do Rio Branco, cuja construção é um dos locais de estudo deste trabalho; também plantaram mais de 800 mudas de árvores na beira do Rio Jaú, entre outros fatos. (PRADO, 2011)

Figura 56 - Divulgação do Centro Empresarial que seria construído no local.



Vicente João Pedro.

Figura 57 - Mesmo casarão depois da reforma.



Fonte: Marcelo Chiode João Pedro.

Figura 58 - Manifesto dos membros da Apuã.

Manifesto da Associação Ambiental e Cultural Apuã, uma das primeiras ONGs do interior paulista, que despertou a cidade de Jahu na década de 80 para discussões sobre patrimônio histórico e ambiental.

**Um Município sem memória é um Município sem história.
Não queremos Jahu sem passado.**

DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE JAHU...

DIGA NÃO!

Fonte: Comércio do Jahu.

4.4 Problemática da Área

Desta maneira, Jaú é uma cidade que tem diversos bens tombados, porém, que hoje em dia estão em um processo de degradação, principalmente no centro histórico, onde estão localizados a grande maioria desses bens. O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Arquitetônico e Cultural de Jahu (CONPAC), deve se atentar a esses fatos e ser mais rigoroso na flexibilidade dos bens tombados da cidade.

Há também um problema com relação aos usos que tem se dado nesses edifícios, como por exemplo o prédio a ser estudado neste trabalho, do antigo Banco Francês e Italiano. Na época foi considerado uma construção nobre com uma função adequada ao prédio, hoje em dia está sendo usado como uma loja popular, ou seja, o seu uso corriqueiro e intenso não condiz com sua magnitude, podendo sofrer uma degradação desnecessária, que não haveria se o uso do prédio fosse mais tranquilo.

Este trabalho tem por objetivo nos fazer pensar nessas questões, bem como trazer algumas soluções para essas problemáticas arquitetônicas. A arquitetura tem a competência de unir o passado com o presente da melhor forma, sem que haja prejuízo para ambas as partes.

5 ESTUDO PRELIMINAR E LEVANTAMENTOS

O ponto inicial de qualquer projeto arquitetônico parte da análise da malha urbana que circunda a área de intervenção, sendo de extrema importância para qualquer projeto de requalificação dos fragmentos urbanos, bem como para projetos de readequação de edifícios históricos, como é o caso. Já que nesta fase é avaliado todos os problemas e soluções já existentes ao redor, focando em algumas questões, como: fluxo de veículos e pedestres, uso e ocupação do solo, gabarito das edificações, topografia do local, vegetação, insolação, ventilação e é estudado o zoneamento da cidade para aquela área.

Esses temas são considerados a fim de que a proposta projetual seja coerente com o local de intervenção e a mesma não atrapalhe o que já existe, mas que ela possa complementar e agregar mais valor a esta região da cidade. Para isso foi realizado uma única análise in loco, por conta da pandemia não foi possível uma visita mais profunda, mas foram feitas pesquisas através de imagens de satélites da área.

5.1 Área de Intervenção

O local da área de intervenção está situado no centro histórico da cidade de Jaú, entre as ruas Major Prado, Visconde do Rio Branco e Lourenço Prado. É uma região bem localizada na cidade, sendo que ao lado está a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, nas proximidades estão a Prefeitura Municipal e a Estação Rodoviária.

Visto isso, é uma região que possui grande relevância e memórias, sendo esse o local de desenvolvimento urbano histórico do município. No passado foi uma região bem valorizada pela população e de grande valor, a região estudada se restringe a quatro edifícios desta região.

Sendo eles, o antigo Banco Frances e Italiano (Figura 64), o edifício adjacente; que hoje acomoda uma farmácia (Figura 67), o edifício do atual centro catequético (Figura 70) e por fim o casarão do atual centro paroquial da Igreja Matriz (Figura 72), sendo esses dois últimos de uso e cuidado exclusivo da Igreja.

O antigo Banco Francês e Italiano para a América do Sul foi um projeto executado por consequência da segunda guerra mundial, teve a retomada de suas atividades em 1949 na capital do nosso Estado, o mesmo tinha quatro filiais: São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Porto Alegre,

sendo sete agências no interior de São Paulo, uma delas em Jaú, a qual é o prédio em estudo.² (Figura 63)

É um edifício que está sob proteção do Grau de Proteção 2 (GP-2), pelo CONPPAC, isso significa que a preservação é somente de algumas partes do edifício e não de sua totalidade. Nesse caso, houve algumas alterações, pela Figura 62 vemos alguns detalhes das portas no térreo que foram modificados, o pavimento superior aparentemente se manteve igual.

Figura 59 - Antigo prédio do Banco Francês e Italiano para a América do Sul.



Fonte: Álvaro Floret.

² Fonte: Edição conjunta extraordinária do Correio da Noroeste – Correio da Capital e Correio de Garça, comemorativa do Centenário do Jaú (1955).

Figura 60 - Antigo Banco Francês e Italiano para a América do Sul.



Fonte: Vicente João Pedro.

Figura 61 - Antigo Banco Francês e Italiano para a América do Sul.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 62 - Relação do entorno com o edifício.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 63 - Quadro de detalhes do edifício do antigo Banco Francês e Italiano.



Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo edifício estudado para a intervenção é uma construção histórica que foi modificada inúmeras vezes, a partir da Figura 68 conseguimos ver a fachada original do prédio, que infelizmente hoje foi modificada e dá lugar a uma farmácia (Figura 67).

Figura 64 - Edifício atual.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 65 - Rua Major Prado.



Fonte: Acervo pessoal de Vicente João Pedro, a partir de Álvaro Floret.

Figura 66 - Rua Major Prado.



Fonte: Acervo pessoal de Vicente João Pedro, a partir de Álvaro Floret.

O terceiro prédio é adjacente a esse e após os anos manteve sua originalidade, hoje é de uso e propriedade da Igreja Matriz e é destinado para o centro catequético da mesma. A fachada manteve sua originalidade, sofrendo modificações apenas no seu interior.

Figura 67 - Quadro de detalhes do atual Centro Catequético.



Fonte: Elaborado pela autora.

E por fim o quarto edifício é um casarão protegido pelo Grau de Proteção 1 (GP-1), portanto sua preservação deve ser integral por conta do seu alto valor histórico e arquitetônico. Hoje em dia ele é o Fraterno Auxílio Cristão (FAC), tendo a administração comandada pela paróquia da Igreja Matriz.

Figura 68 - Antigo palacete do Sr. João de Almeida Prado.



Fonte: Acervo pessoal de Vicente João Pedro, a partir de Álvaro Floret.

Figura 69 - Casarão da atual FAC.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 70 - Quadro de detalhes do casarão.



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 71 - Vista da Rua Visconde do Rio Branco.

5.1.1



Fonte: Acervo pessoal.

Localização

A partir da Figura 75 localizamos os principais acessos do entorno para a região estudada, bem como as rodovias de saída da cidade para as imediações. A localização exata da área de intervenção se dá bem no centro histórico da cidade.

Figura 72 - Mapa de Localização.



Fonte: Elaborado pela autora.

5.1.2 Zoneamento

A partir do plano diretor da cidade, de 2006 ficou definida a lei de zoneamento urbano, a qual identifica esta área na Zona Especial Central - ZEC CH (Figura 76), a qual é caracterizada por centro histórico de preservação, comércio e serviços, seus usos predominantes são UR1 (residencial unifamiliar urbano), UIp (institucional pequeno porte), USCp (serviço e comércio pequeno porte), UTP (turístico urbano de pequeno porte) e UCp (cultural de pequeno porte), seus usos proibidos são UInd (industrial), USCg (serviço e comércio de grande porte), UIg (institucional de grande porte), UTg (turístico urbano de grande porte), UCg (cultural de grande porte), Uru (rural) e UTRu (turismo rural), sendo permitido apenas edifícios de até 4 pavimentos, com uma altura máxima de 15 metros.

Também é determinado um coeficiente de aproveitamento de 2,0, uma taxa de ocupação de 0,8 e de permeabilidade de 0,1. Aos recuos mínimos, para as laterais não há exigências, para o recuo de fundo é 1,5 m e o frontal deve seguir o recuo já existente.

Tabela 1 - Tabela de zoneamento.

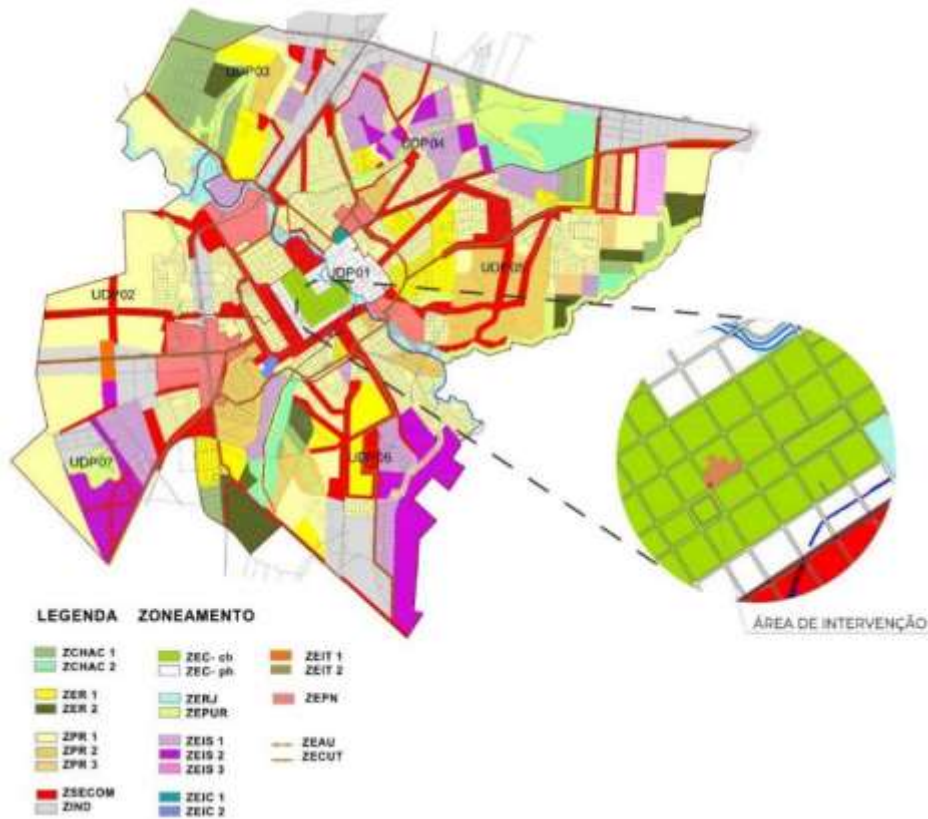
MACROZONAS	MACROZONAS DE CONSOLIDAÇÃO														
	ZONAS ESPECIAIS														
ZONEAMENTO	ZEB 1	ZEB 2	ZEB 3	ZEC 1	ZEC 2	ZEB 1	ZEB 2	ZEC CH	ZEC PH	ZEPUR	ZERJ	ZECUT	ZEAU	ZEPN - A	ZEPN - B
Características	Interesse Social, requalificação	Interesse Social, novos projetos	Interesse Social, novos projetos	Interesse Cultural - Museu	Interesse Cultural - Fazendas Maria Loba	Interesse Turístico de regiões - Capadze	Interesse Turístico - Pousas Alegre	Centro Histórico, preservação, comércio e serviços	Pedreiro Histórico, comércio e serviços de pé, e médio porte	Parques Urbanos	Áreas de Influência do Rio Jahu	Corredor Urbano Terminal	Área Urbana	Polígonos A	Polígonos B
Uso Predominante	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	UC UI	UC UI	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	UI UI	UI UI	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	Misto-Uso UInd USC UI UC
Uso Não Predominante	UInd USCg UIg UTP	UInd USCg UIg UTP	UInd USCg UIg UTP	USCp UIg UTP	UR1 UR2 USCp UIp	UInd-micro UInd-g UIg UTP	UInd-micro UInd-g UIg UTP	UR2 USCm UIg UTP	UInd-micro UInd-g UIg UTP	UR1 UR2 USCp UIp	UR1 UR2 USCp UIp	UInd-micro UInd-g UIg UTP	UInd-micro UInd-g UIg UTP	UInd-micro UInd-g UIg UTP	UR1 UR2 USCp UIp
Uso Proibido	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP	UInd-m UInd-g USCg UIg UTP
Lote mínimo (m²)	140	140	125	não parcelável	não parcelável	1500	180	160	350	não parcelável	não parcelável	300	300	300	300
Testada (m)	5	5	5	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	N.A.	10	10	10	10
Recuos mínimos ¹⁾	Fr - 2,0 NA Lat - 1,5	conforme projeto	conforme projeto	N.A.	N.A.	Fr - 10,0 Fu - 8,0 Lat - 3,0	Fr - 2,0 Fu - 1,5 Lat - 1,5	Fr - 10,0 Fu - 1,5 Lat - 1,5	Fr - 3,0 Fu - 2,0 Lat - 1,5	N.A.	N.A.	Fr - 5,0 Fu - 2,0 Lat - 2,0	Fr - 5,0 Fu - 2,0 Lat - 2,0	Fr - 5,0 Fu - 2,0 Lat - 2,0	Fr - 5,0 Fu - 2,0 Lat - 2,0
Taxa permeabilidade (TP)	0,1 ²⁾	0,1	0,1	N.A.	N.A.	0,2	0,1	0,1	0,1	N.A.	N.A.	0,25	0,25	0,25	0,25
Taxa de Ocupação (TO)	0,9	0,9	0,9	N.A.	N.A.	0,8	0,8	0,8	0,8	N.A.	N.A.	0,7	0,7	0,7	0,7
Coefficiente de Aproveitamento (CA)	2,0	2,0	1,0	N.A.	N.A.	2,0	2,0	2,0	2,0	N.A.	1,0	CAInd CAm - 5	CAInd CAm - 5	CAInd CAm - 5	CAInd CAm - 5
Pavimentos ³⁾	5 pavos	5 pavos	2 pavos	4 pavos	2 pavos	6 pavos	4 pavos	4 pavos	4 pavos	4 pavos	4 pavos	11 pavos ⁴⁾	11 pavos ⁴⁾	11 pavos ⁴⁾	11 pavos ⁴⁾

USOS:	USO	vagas ⁵⁾	Metro	F	M	G
UIp	institucional pequeno porte	1/100m²	até 1000m²			
UIg	institucional médio porte	1/75m²		5000-4000m²		
UIg	institucional grande porte	1/50m²		acima 4000m²		
UInd-micro	industrial micro porte		até 300m²			
UInd-p	industrial pequeno porte	1/100m²	300-750m²			
UInd-m	industrial médio porte	1/75m²		750-2000m²		
UInd-g	industrial grande porte	1/50m²		acima 2000m²		
USCp	serviço e comércio pequeno porte	1/100m²	até 1000m²			
USCm	serviço e comércio médio porte	1/50m²		5000-4000m²		
USCg	serviço e comércio grande porte	1/30m²		acima 4000m²		
UTp	turístico urbano pequeno porte	1/100m²	até 1000m²			
UTm	turístico urbano médio porte	1/75m²		5000-4000m²		
UTg	turístico urbano grande porte	1/50m²		acima 4000m²		
UCp	cultural pequeno porte	1/100m²	até 1000m²			
UCm	cultural médio porte	1/75m²		5000-4000m²		
UCg	cultural grande porte	1/50m²		acima 4000m²		
UR1	residencial unifamiliar urbano	1/100m²				
UR2	residencial multifamiliar urbano	1/50m²				
U	uso em esportivo					
URu	rural					
UTRu	turismo rural					

OBSERVAÇÕES:
N.A. - Não se aplica
CA - Coeficiente de Aproveitamento Básico
CAm - Coeficiente de Aproveitamento Máximo
CAInd - Coeficiente de Aproveitamento Transferido
¹⁾ Todos os usos permitidos são predominantemente subordinados ao uso predominante e suas características.
²⁾ Aos usos existentes (anteriores à esta Lei) não se aplicam os termos desta Lei.
³⁾ Número máximo de pavimentos (incluindo pavimento térreo) e/ou altura máxima de edificação - exceção prevista na lei.
⁴⁾ Juntos as vistas estruturais (cf. PD) e exigência de elevação de EIV
⁵⁾ Juntos as vistas estruturais of PD
⁶⁾ Juntos as vistas para habitações
⁷⁾ Exigência de habitação de EIA
⁸⁾ Agro-inibível
⁹⁾ Uso de lotes acima de 10.000m² somente em vistas estruturais
¹⁰⁾ Espaço livre destinado ao lazer somente em áreas de até 2.500m²
¹¹⁾ Área de 11 pavimentos composta de solo criado, EIV, consulte de população da área diretamente afetada
¹²⁾ De 12 pavimentos até 15 pavimentos, compra de solo criado. Adina de 15 compra de solo criado, EIV, consulte de população da área diretamente afetada.

Fonte: Modificado a partir da Prefeitura Municipal de Jahu.

Figura 73 – Zoneamento.



Fonte: Modificado a partir da Prefeitura Municipal de Jahu.

5.2 Análise do Entorno

Para o levantamento dos dados necessários a área de estudo delimitou-se de três a quatro quadras ao redor do terreno da área de intervenção, sendo aproximadamente 944 lotes estudados.

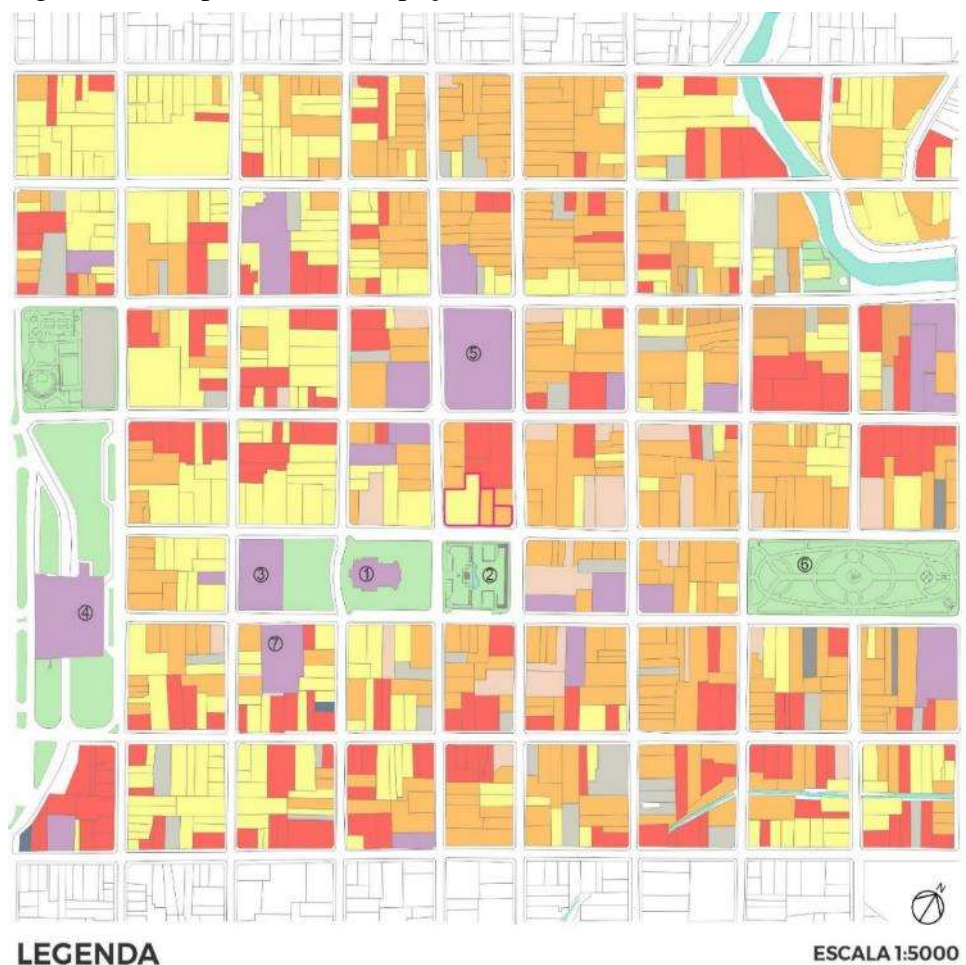
5.2.1 Uso e Ocupação

A partir da área analisada quanto aos usos e a sua ocupação nos dias de hoje a grande maioria é de uso comercial e residencial, sendo respectivamente 353 e 304 lotes destinados a essas atividades, a maioria do comércio são lojas de roupas, sapatos, cosméticos e mercados, logo após vem os serviços com 173 lotes, sendo eles postos de gasolina, oficinas mecânicas, consultórios e escritórios, tem 32 de uso misto, sendo a grande maioria comércio e residência ou serviço e residência, com a moradia nos pavimentos superiores, depois uso institucional,

com 28 lotes, compostos por bancos, prefeitura, escolas e a igreja por fim as áreas verdes estão localizadas em 27 lotes, incluindo a Praça Siqueira Campos (Jardim de Cima) e com o mesmo número estão as áreas subutilizadas, sendo terrenos baldios ou edifícios abandonados, os quais em alguns casos são também patrimônios históricos.

É importante ter em mente os usos do entorno da área estudada para que essa se relacione com a proposta projetual de forma eficiente, garantindo usos que tenham relação com o seu entorno e gerando uma boa implantação no local.

Figura 74 - Mapa de uso e ocupação do solo.



LEGENDA

ESCALA 1:5000

- Residencial
- Comercial
- Serviço
- Institucional
- Misto
- Área Verde
- Área Subutilizada
- Área de Intervenção

- Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio
- Praça Siqueira Campos
- Prefeitura Municipal de Jahu
- Rodoviária
- Escola Estadual Major Prado
- Praça da República
- Escola Municipal Padua Salles

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.2 Edifícios Históricos

De acordo com a lei municipal 3.833 Jáú tem 492 bens protegidos pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural (CONPAC), o artigo 15 dessa lei define:

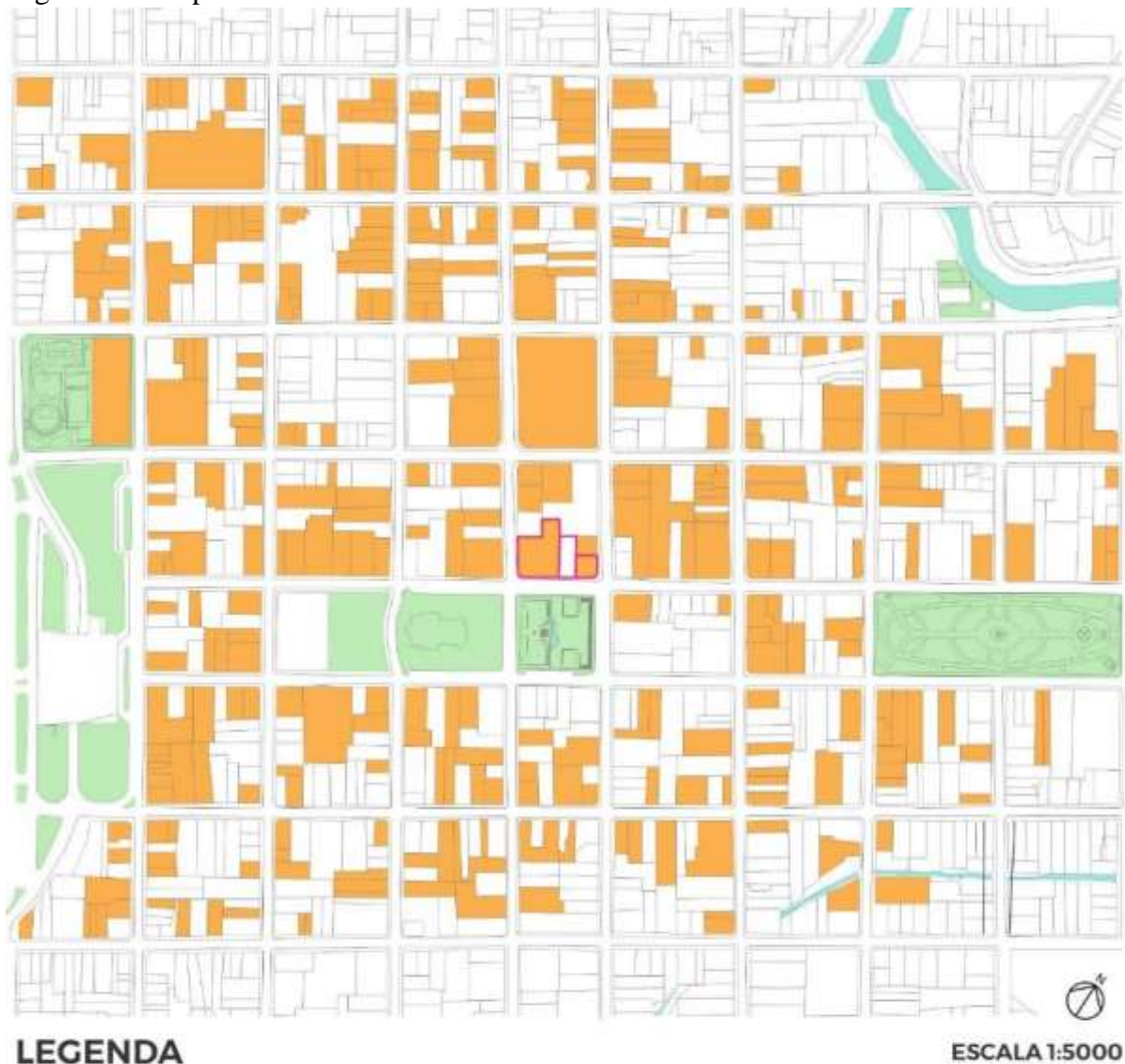
No tocante aos tombamentos de bens e imóveis deverão ser preservados aqueles que:

- I – Possuam características relevantes ligadas ao ciclo cafeeiro e/ou ao ecletismo arquitetônico, e/ou a qualquer outro estilo arquitetônico de uma época, e/ou;
- II – Estejam ligados a fatos da história e/ou cultura municipal, estadual ou nacional, e/ou;
- III – Devido a composição de um conjunto, integram a ambientação significativa de um determinado momento histórico e/ou cultural e/ou arquitetônico, considerado de importância para o município.

O plano diretor ainda define os graus de proteção dos bens imóveis, dividindo-os em grupos: o Grau de Proteção 1 (GP1) são para bens imóveis tombados de alto valor histórico, arquitetônico e ambiental, sua preservação deve ser integral e suas funções compatíveis, o Grau de Proteção 2 (GP2) são bens que não abrangem a totalidade de sua importância, então a preservação se delimita as partes, não podendo agredir a parte protegida, o Grau de Proteção 3 (GP3) são imóveis que deve-se preservar apenas a fachada, sendo possível fazer alterações internas, desde que essas não prejudiquem o exterior e por fim o Grau de Proteção 4 (GP4) são de valor cultural com características singelas, mas que não façam parte de fatos de grande importância histórica, podem ser preservados através de fotos, vídeos, croquis, relatos, documentos ou projetos arquitetônicos. (JAÚ, 2006)

Com base nisso, a análise do centro histórico ao redor da área de intervenção se baseou em mapear todos os edifícios com algum interesse histórico, sendo eles tombados ou não, resultando em 336 lotes com edifícios históricos.

Figura 75 - Mapa de edifícios históricos.



LEGENDA

ESCALA 1:5000

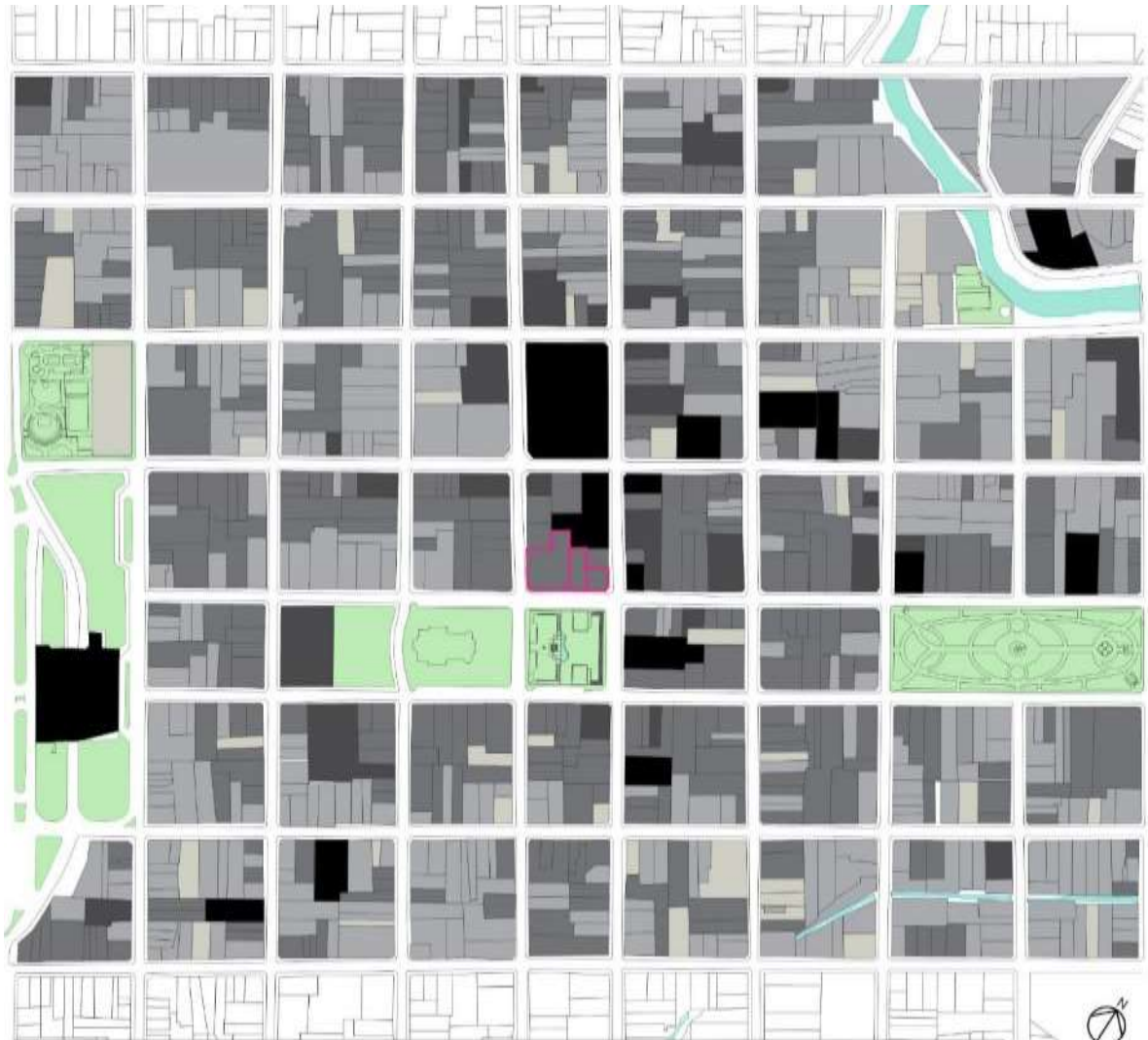
- Edifícios históricos
- Área Verde
- Área de Intervenção

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.3 Gabarito Urbano

Por se tratar de uma região de centro histórico a grande maioria das construções são de um ou dois pavimentos, sendo esse o térreo comercial ou serviço e o segundo pavimento residencial. Nesta região tem apenas seis edifícios com mais de dez pavimentos, sendo duas delas a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio e outro o primeiro prédio construído na cidade, o edifício do Novo Mundo.

Figura 76 - Mapa de gabarito urbano.



LEGENDA

ESCALA 1:5000

	Área Subutilizada		Área Verde
	Térreo		Área de Intervenção
	Dois pavimentos		
	Três pavimentos		
	Quatro ou mais pavimentos		

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.4 Elevações

Para registrar de uma forma mais clara as características do entorno histórico ao redor da área de intervenção, foi realizado um levantamento fotográfico das fachadas que circundam o local, sendo elas as Ruas Visconde do Rio Branco (Figura 81), Major Prado (Figura 82) e Lourenço Prado (Figura 83).

Figura 77 - Mapa de elevações.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 77 - Elevação A – Rua Visconde do Rio Branco.



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 79 - Elevação C – Rua Lourenço Prado



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 80 - Elevação B – Rua Major Prado.



Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.5 Fluxo Viário

As vias desta região têm um fluxo de veículos bastante intenso ao longo do dia, por ser uma área que predomina o comércio e prestação de serviços, tornando o trânsito quase constante. O qual geralmente é bem congestionado, considerando a quantidade de trabalhadores desta área e por ser uma passagem e uma conexão para diversos bairros ao redor.

Figura 81 - Mapa viário.



Fonte: Elaborado pela autora.

Algumas vias se destacam por serem ligação entre pontos da cidade para o centro, como a Tenente Lopes, Major Prado e Edgar Ferraz, que inclusive fazem ligação com a rodoviária. A Lourenço Prado também é uma via com fluxo intenso e faz o cruzamento com essas vias.

5.2.6 Vegetação

A vegetação desta região da cidade se concentra nas principais praças do centro, como a Praça da República (Jardim de Baixo), Praça Siqueira Campos (Jardim de Cima), a Praça da Prefeitura e a da Rodoviária, porém em algumas dessas estão abandonadas ou mal cuidadas. As árvores de pequeno e médio porte estão espalhadas em poucas calçadas ou no meio de alguns lotes. Há vários trechos sem nenhuma vegetação, o que deixa o centro mais quente e abafado, sendo cansativo o ato de caminhar.

Com isso, faz-se necessário refletir sobre medidas a serem tomadas na proposta projetual, a fim de que torne a região mais agradável e as relações da população com o ambiente seja mais frequente, melhorando o bem estar dos usuários.

Figura 82 - Mapa de vegetação, insolação e ventilação.

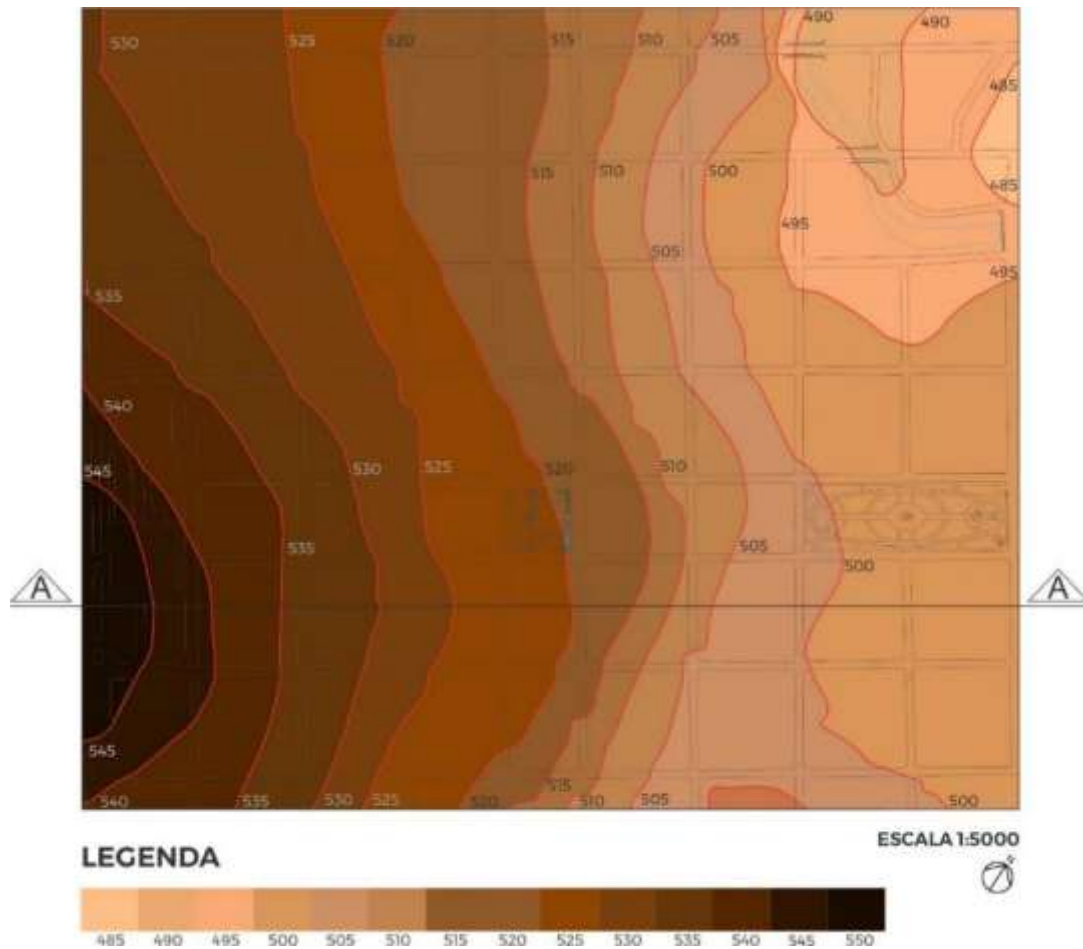


Fonte: Elaborado pela autora

5.2.7 Topografia

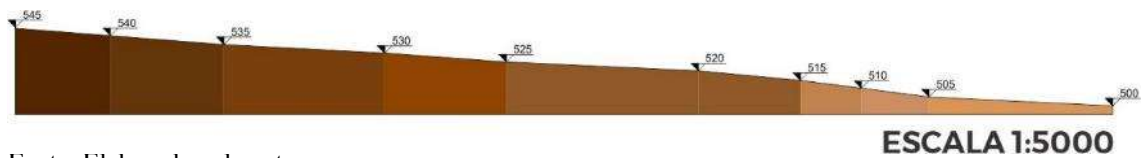
A topografia da área analisada está situada entre as cotas 485 e 550, totalizando um desnível de 65 metros, mas por ser uma área extensa está bem distribuída, não havendo grandes inclinações, assim como pode ser visto no corte topográfico da Figura 87. A área de intervenção está em uma região cortada pela cota 520, contendo uma inclinação de 13% até a 515.

Figura 83 - Mapa topográfico.



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 84 - Corte topográfico.



Fonte: Elaborado pela autora

5.2.8 Cheios e Vazios

A partir da análise do mapa de cheios e vazios, nota-se que a maioria dos lotes por estarem localizados no centro da cidade estão ocupados por construções, as quais preenchem

todas as fachadas, porém no centro de algumas quadras há um vazio urbano, bem como em algumas áreas que estão subutilizadas.

Os lotes referentes a área de intervenção apresentam essas questões também, tendo um miolo de quadra vazio, esse ponto será considerado no projeto, a fim de se ter um melhor aproveitamento da extensão da quadra.

Figura 85 - Mapa de cheios e vazios.



LEGENDA

SEM ESCALA

- Cheios
- Vazios
- Área de Intervenção

Fonte: Elaborado pela autora.

6 PROPOSTA PROJETUAL: MACROZONEAMENTO (ENTREGA JUNHO/2021)

6.1 Conceito e Partido

O conceito do projeto foi baseado na necessidade de revitalização do centro histórico de Jaú, que está em processo de degradação. Através de edifícios históricos da cidade, atribuindo novas funções para requalificação deste fragmento urbano, propondo novos usos e ressignificando o local.

Com acesso natural pela calçada, o miolo da quadra será aberto, fazendo uma conexão com todos os edifícios históricos já existentes e os edifícios propostos, criando espaços públicos convidativos e atraentes para a população.

Para isso, o projeto foi proposto na quadra lateral da praça da Igreja Matriz, abordando três edifícios considerados históricos e um não histórico. No casarão da esquina será uma área de atendimento para mulheres que procuram assistência em casos de violência, com auxílio médico, psicológico e social. E dois edifícios propostos, um para alojamento das mesmas e outro para desenvolvimento de oficinas e cursos de aperfeiçoamento profissional.

No edifício adjacente será inserido um museu fotográfico, com extensão ao edifício histórico da esquina da rua Major Prado com a Lourenço Prado, que contará com um pequeno comércio no térreo, com café e livraria e o Foto Clube de Jaú no segundo pavimento.

Como ligação para todos esses elementos foi aberto o miolo desta quadra e inserido caminhos ao longo de todo complexo, a fim de que se tenha um livre acesso entre todas as partes. Em conjunto com o jardim ao fundo é um local de espaço público atraente não só para aqueles que frequentam os edifícios, como também para toda população.

6.1.1 Programa de Necessidades

O programa de necessidades foi dividido em três grandes categorias, a primeira voltada às mulheres, subdividida em três partes: o centro de acolhimento, com atividades iniciais de atendimento; o alojamento, para aquelas que precisem de moradia e o edifício com oficinas e cursos profissionalizantes.

A segunda categoria é o museu fotográfico, subdividido em duas partes: uma para exposições permanentes e temporária e outra para as atividades do Foto Clube do Jaú e um bookshop.

A terceira categoria é voltada para um pequeno comércio, composto por uma livraria e café, ambos com ligação direta a uma área aberta no miolo da quadra, com área de permanência e convívio.

Tabela 2 - Programa de Necessidades.

PROGRAMA DE NECESSIDADES						
1 CENTRO DE APOIO		4 CASA DE ACOLHIMENTO		3 MUSEU FOTOGRÁFICO		
	DESCRIÇÃO	m ²		DESCRIÇÃO	m ²	
1.1	Recepção	65	4.1	Alojamento	43	
1.2	Administração	56	4.2	Cozinha	9	
1.3	Banheiro Feminino	38	4.3	Área de convívio/ descanso	64	
	Banheiro Masculino		9			
	Banheiro PCD					
1.4	Copa	17	4.4	Banheiro PCD		
1.5	Sala atendimento psicológico	38	4.5	Lavanderia	4,5	
1.6	Sala de atendimento médico	46	4.6	Refeitório	24	
1.7	Sala atendimento social	40	4.7	Sala de estudos	14	
5 OFICINAS		2 MUSEU FOTOGRÁFICO		6 COMÉRCIO		
	DESCRIÇÃO	m ²		DESCRIÇÃO	m ²	
5.1	Pintura e cerâmica	37	2.1	Exposição temporária	313	
	Croche e Bordado		2.2	Exposição permanente	260	
	Mandala		2.3	Sala arquivo	53	
	Musica		25			
	Jardinagem					
5.2	Cursos profissionalizantes	37	2.4	Banheiro PCD		
5.3	Circulação vertical	9	2.5	Circulação vertical	95	
				7 ÁREAS PÚBLICAS		
				DESCRIÇÃO	m ²	
				7.1	Praça seca	205
				7.2	Jardim	360

Fonte: Elaborado pela autora.

6.1.2 Paisagismo

Tabela 3 - Tabela de vegetação.

TABELA DE VEGETAÇÃO		
	VISTA EM PLANTA	VISTA EM CORTE
PEQUENO PORTE		
MÉDIO PORTE		
GRANDE PORTE		

Fonte: Elaborado pela autora.

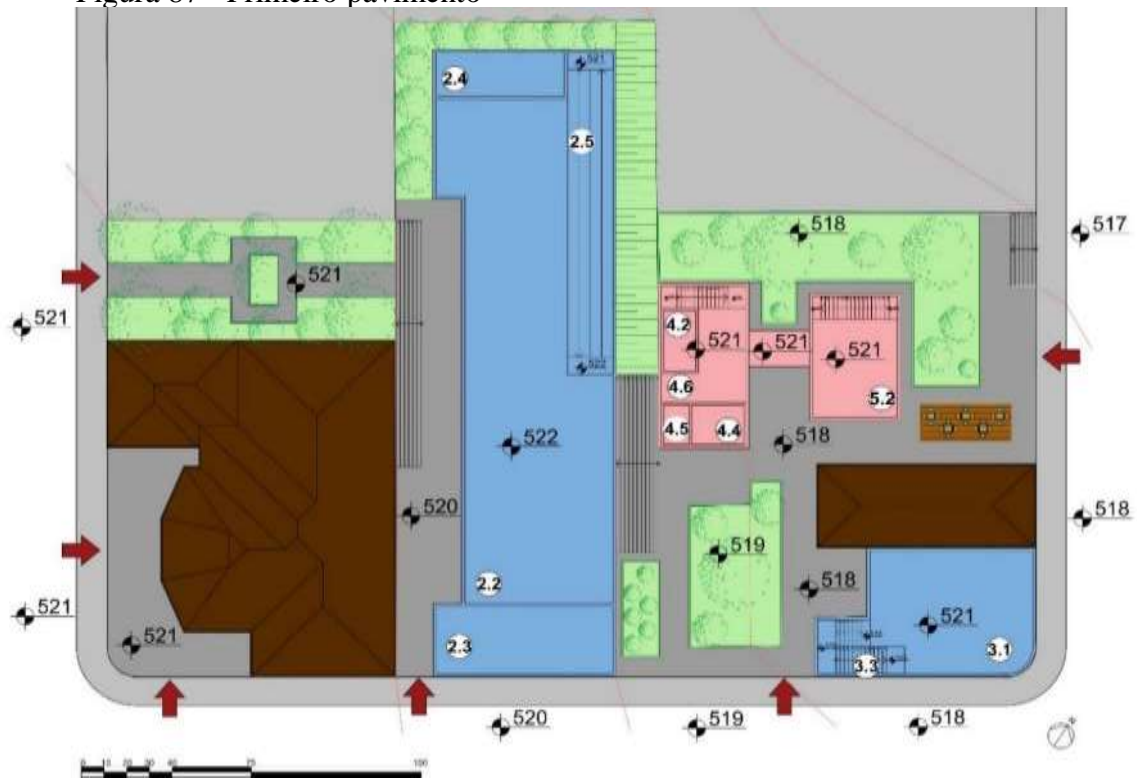
6.2 Implantação

Figura 86 - Implantação Geral



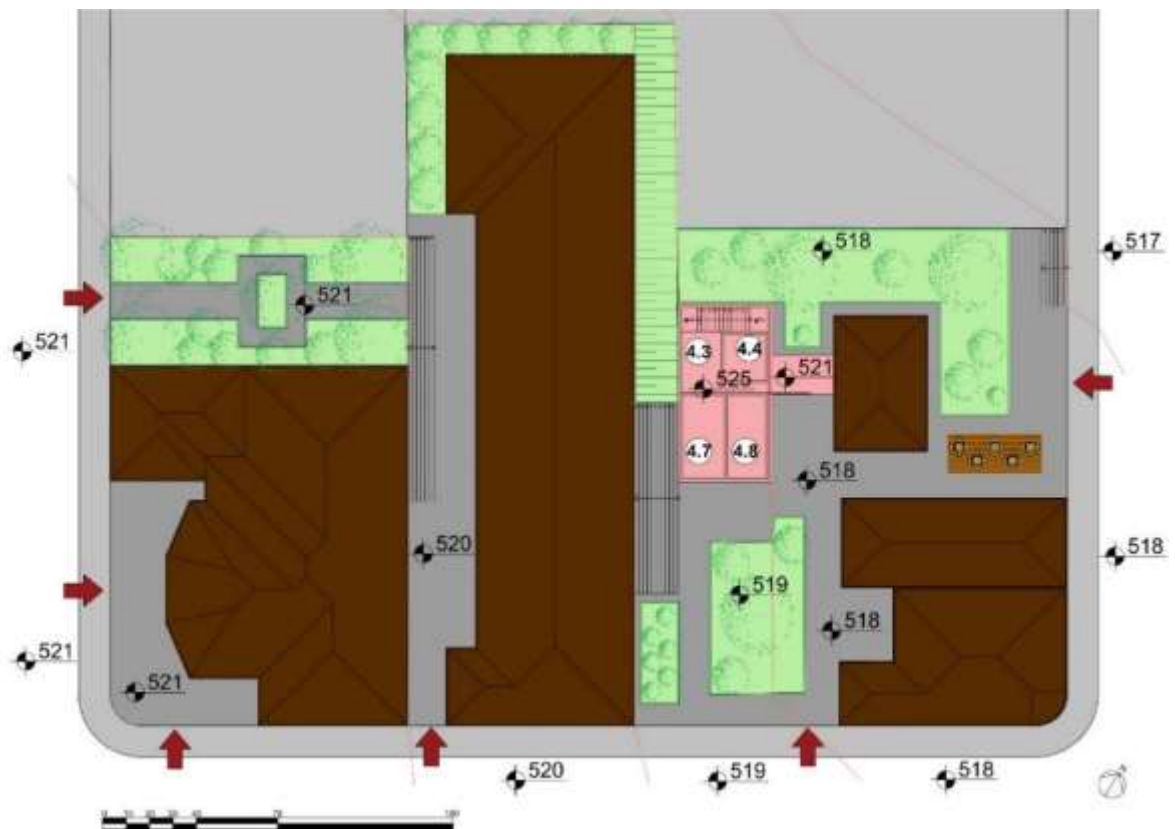
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 87 - Primeiro pavimento



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 88 - Segundo pavimento



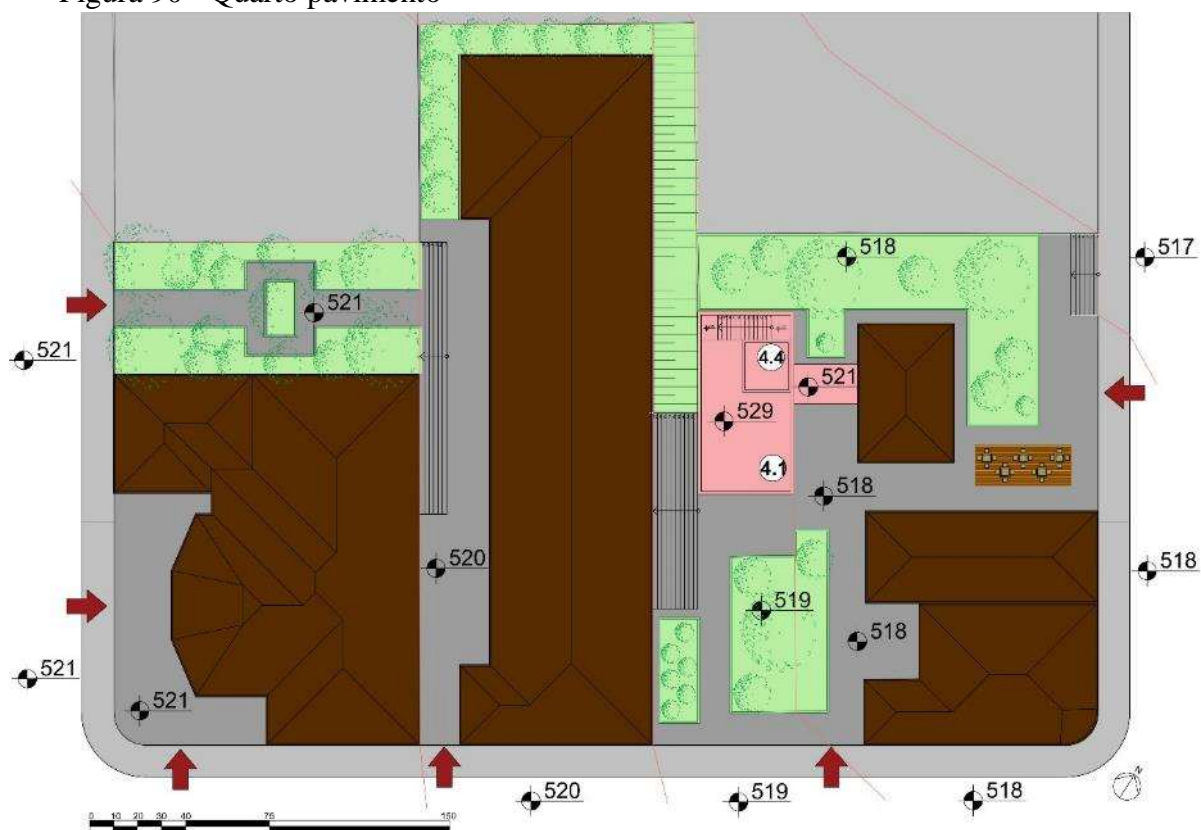
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 89 - Terceiro pavimento



Fonte: Elaborado pela autora.

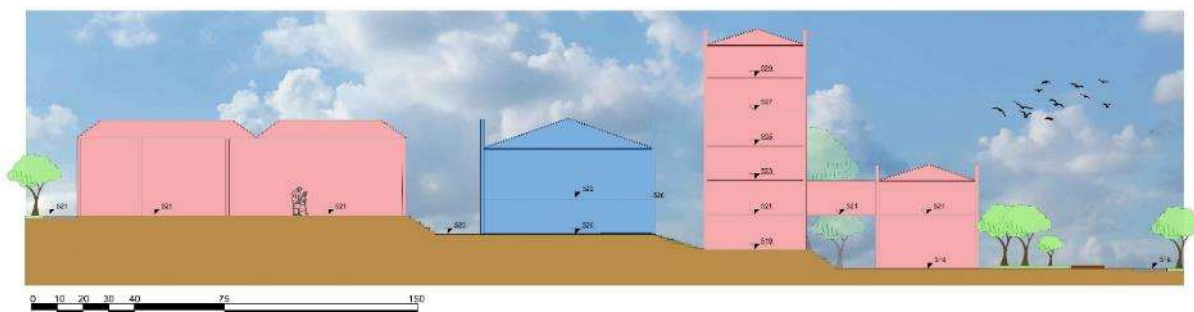
Figura 90 - Quarto pavimento



Fonte: Elaborado pela autora.

6.3 Corte

Figura 91 - Corte A



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 92 - Corte B

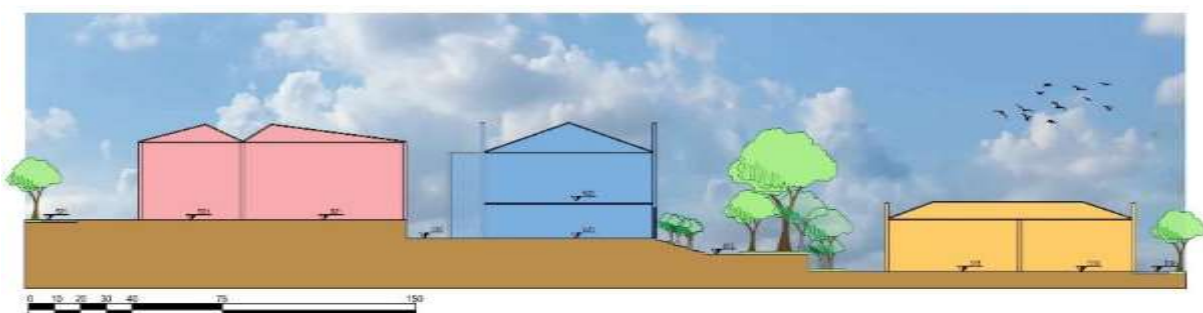
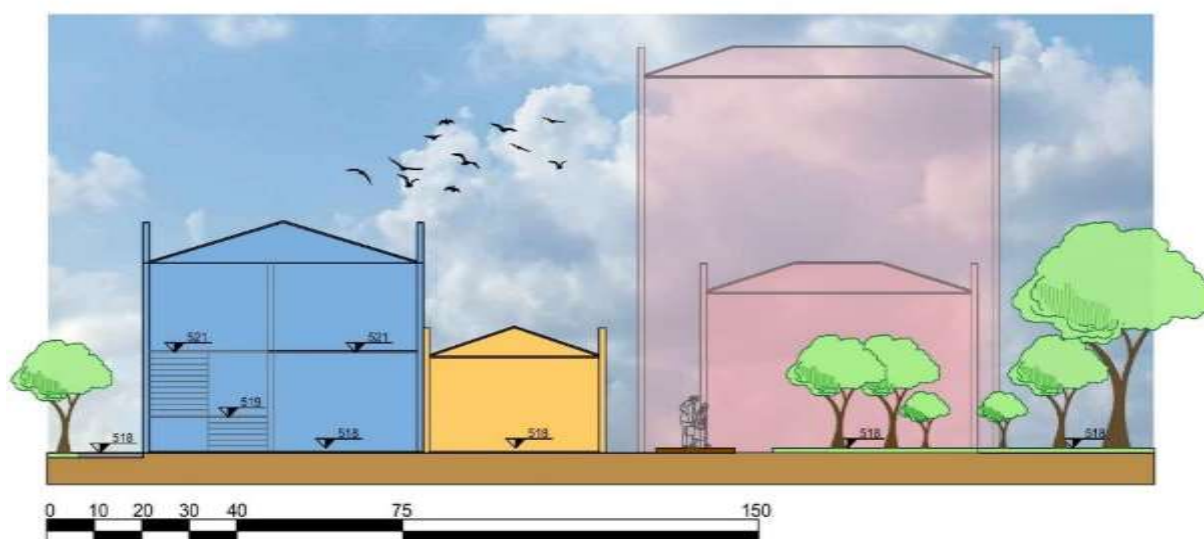


Figura 93 - Corte C

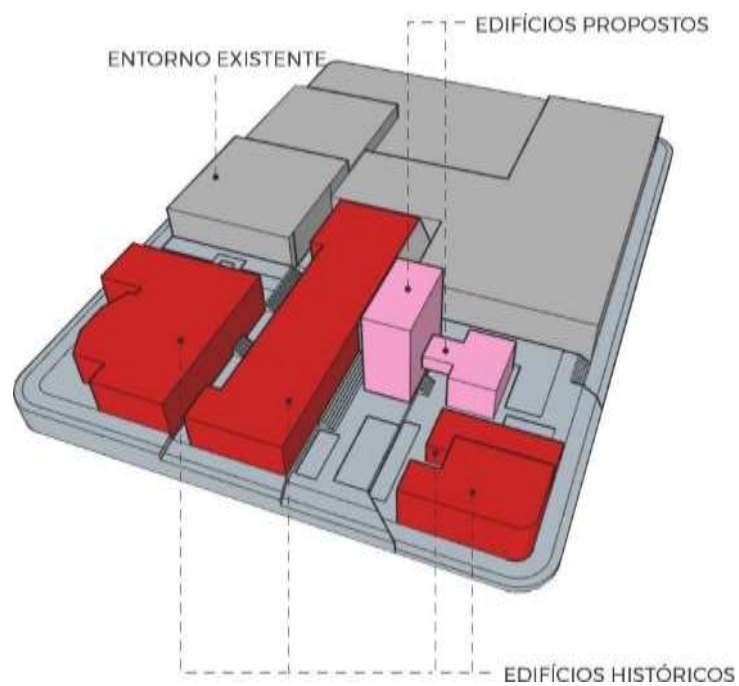


Fonte: Elaborado pela autora.

6.4 Maquete Eletronica

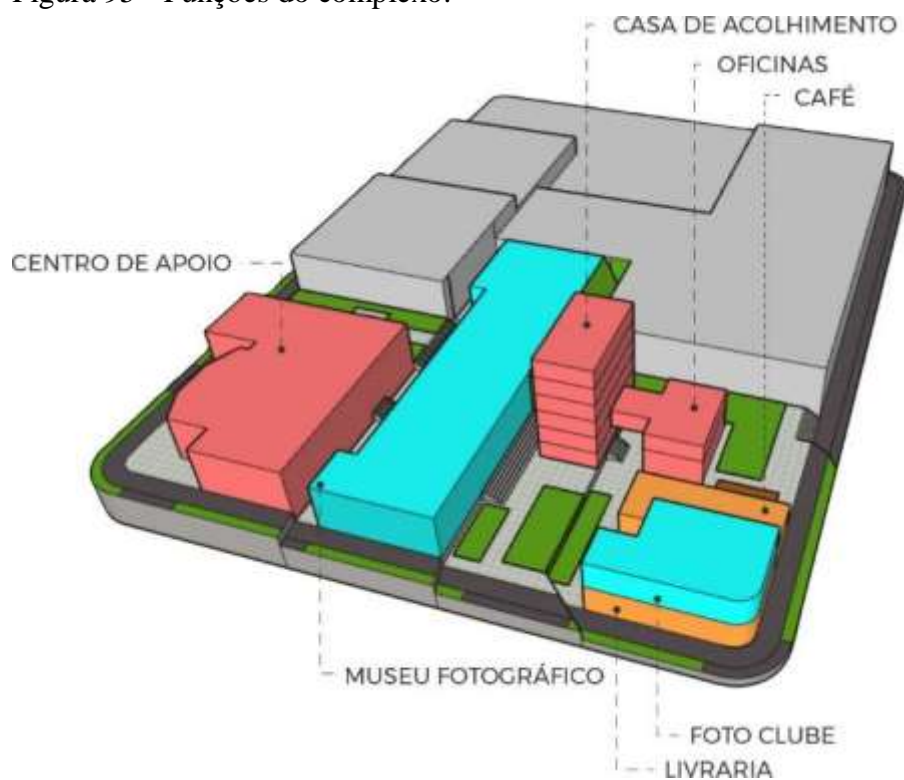
6.4.1 Concepção Volumétrica

Figura 94 - Relação do entorno com a proposta.



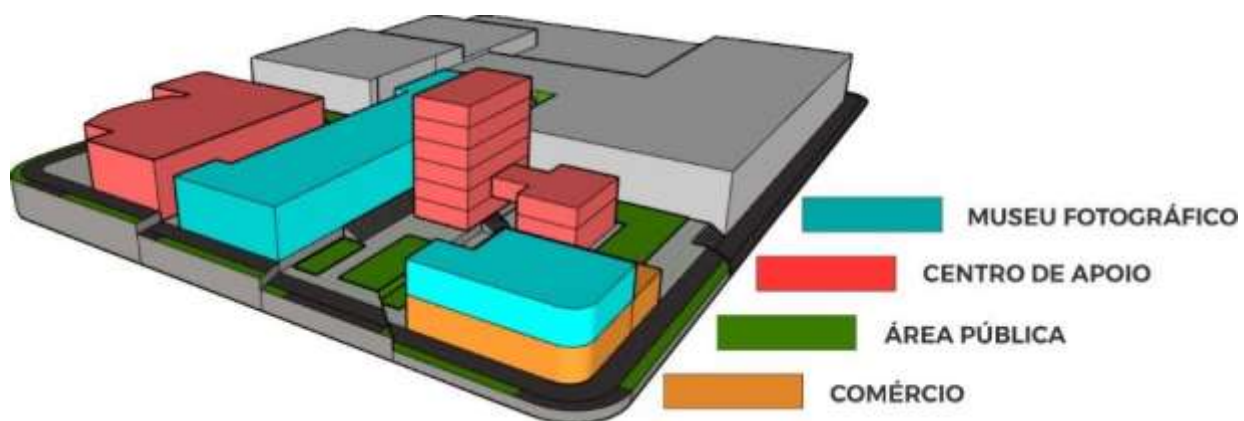
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 95 - Funções do complexo.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 96 - Distribuição dos usos na volumetria.



Fonte: Elaborado pela autora.

6.4.2 Maquete Volumétrica

Figura 97 - Volumetria geral do complexo.

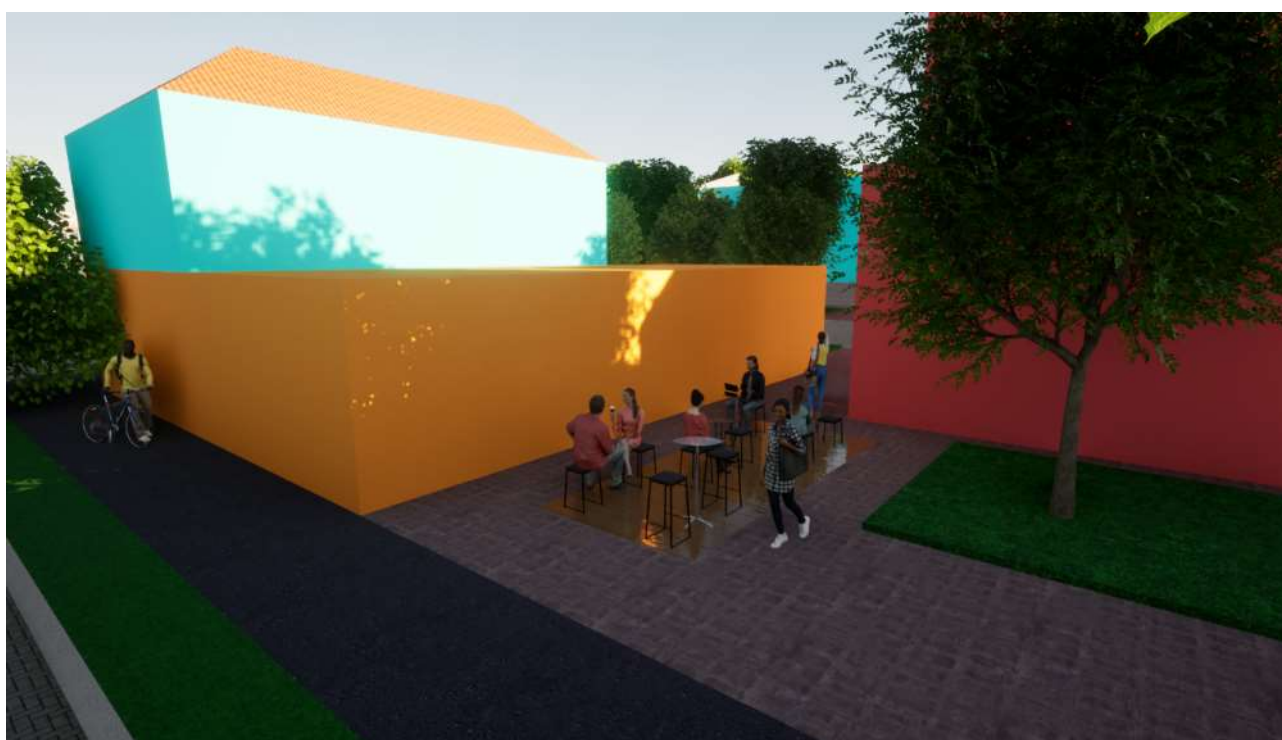


Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 98 - Vista do pedestre.



Figura 99 - Vista do pedestre do espaço público.



Fonte: Elaborado pela autora.

7 ANTEPROJETO: ENTREGA FINAL (NOVEMBRO/ 2021)

A partir dos estudos feitos para o macrozoneamento foi desenvolvido o anteprojeto, que consiste na separação dos ambientes e das funções específicas de cada edifício, tanto para os históricos quanto ao edifício proposto.

O primeiro prédio histórico do casarão ficou dividido em duas funções: no seu subsolo (Figura 100) foi destinado às atividades ativas do museu, para o uso do Foto Clube do Jaú para atividades relacionadas a fotografia, como por exemplo, a restauração, arquivo e acervo. O térreo da casa foi atribuído às ações da Casa das Meninas de Jaú, com salas de apoio psicológico, social, médico, odontológico e jurídico

Figura 100: Museu da Fotografia e Centro de Assistência a Violência



Fonte: Elaborado pela autora

O segundo prédio do Museu da fotografia e Oficina Cultural (Figura 101) foi designado as funções do museu fotográfico, no térreo mostras fixas e temporárias de Jaú, um pequeno café com acesso ao exterior e algumas funções das oficinas das meninas, já no primeiro pavimento as mostras temporárias de artistas locais e a continuidade do café com um pequeno bar.

Figura 101: Museu da Fotografia e Oficina Cultural



Fonte: Elaborado pela autora

Para o terceiro prédio Casarão Café e Livro (Figura 102) no térreo ficou a cozinha do restaurante, junto ao café e no seu primeiro pavimento a livraria com uma pequena área para leitura. O quarto é o edifício Casa das Meninas de Jaú, proposto às meninas, (Figura 103) tendo o primeiro pavimento com as oficinas de diversos aprendizados, o segundo pavimento sendo uma área exclusiva para as meninas com sala de estudos, de estar e jantar e o terceiro pavimento destinado aos quartos para as mesmas.

Figura 102: Casarão Café e Livro



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 103: Casa das Meninas de Jaú.



Fonte: Elaborado pela autora

Por último, a quinta construção proposta é uma pequena galeria de comércio, que a laje é usada como sacada para o primeiro pavimento da casa das meninas. (Figura 104)

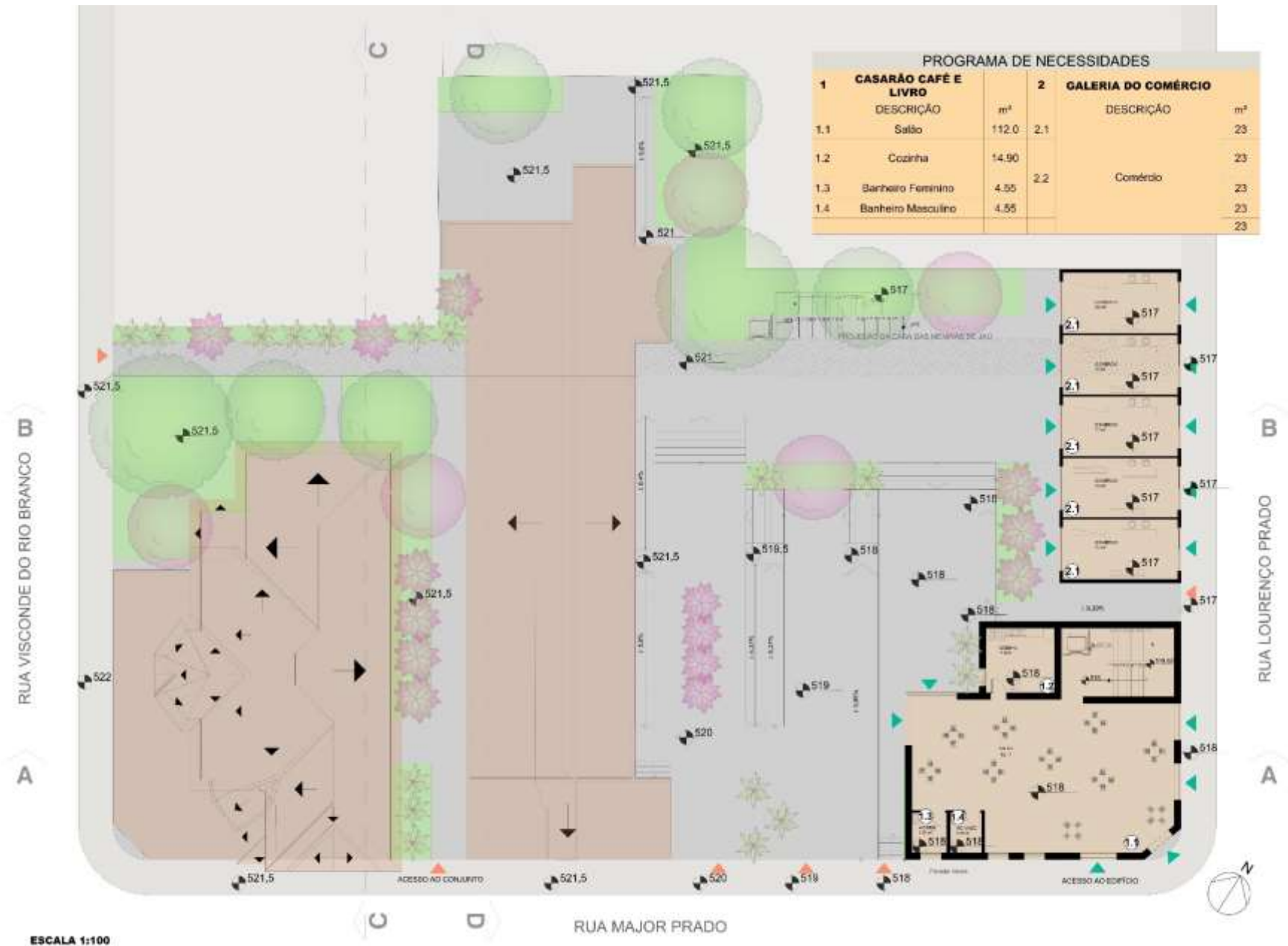
Figura 104: Galeria do comércio.



Fonte: Elaborado pela autora.

7.1 Implantação

Figura 105 – Implantação nível 517 e 518



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 106 – Implantação nível 521,5

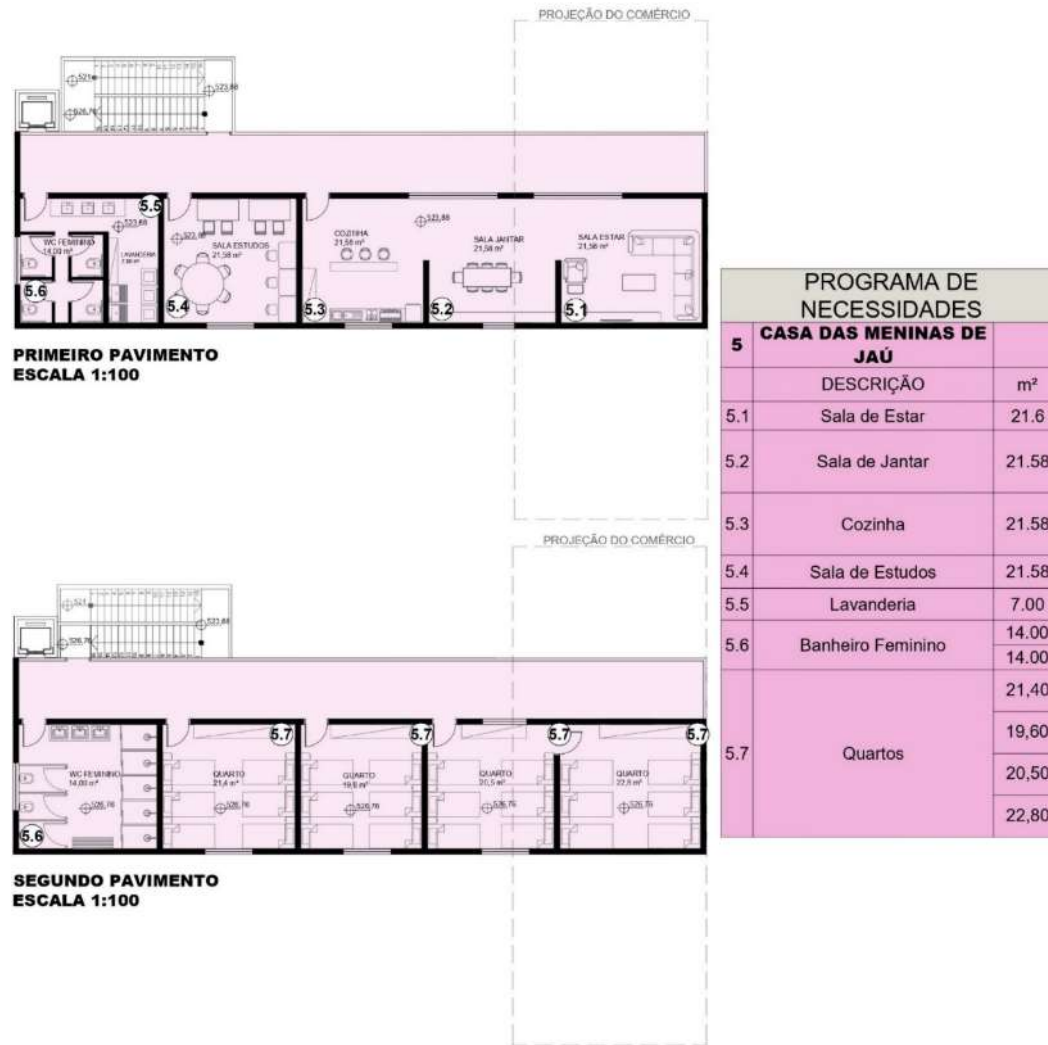


Fonte: Elaborado pela autora

Figura 107 – Implantação nível 524,5

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 108 – Planta da Casa das Meninas de Jaú



Fonte: Elaborado pela autora

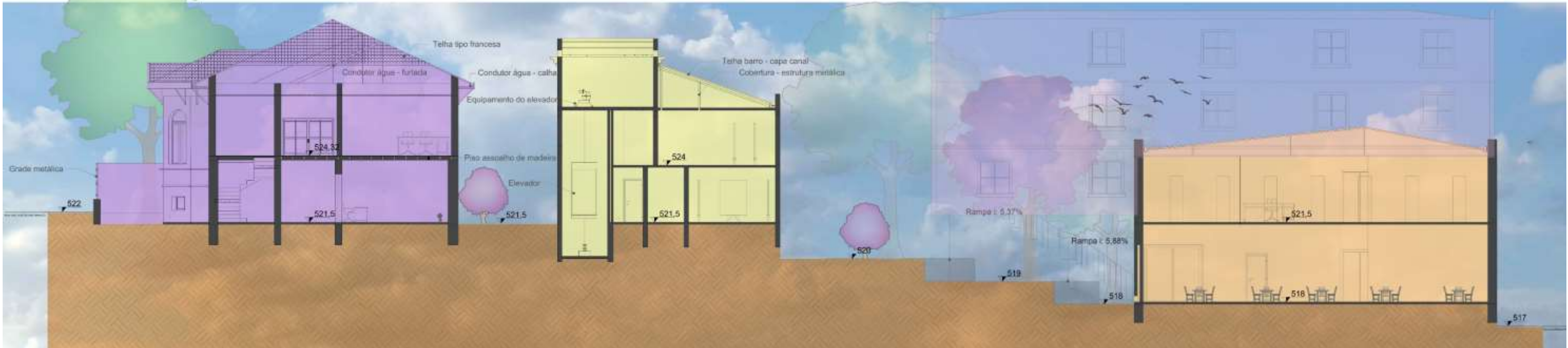
Figura 109 – Implantação de cobertura



Fonte: Elaborado pela autora

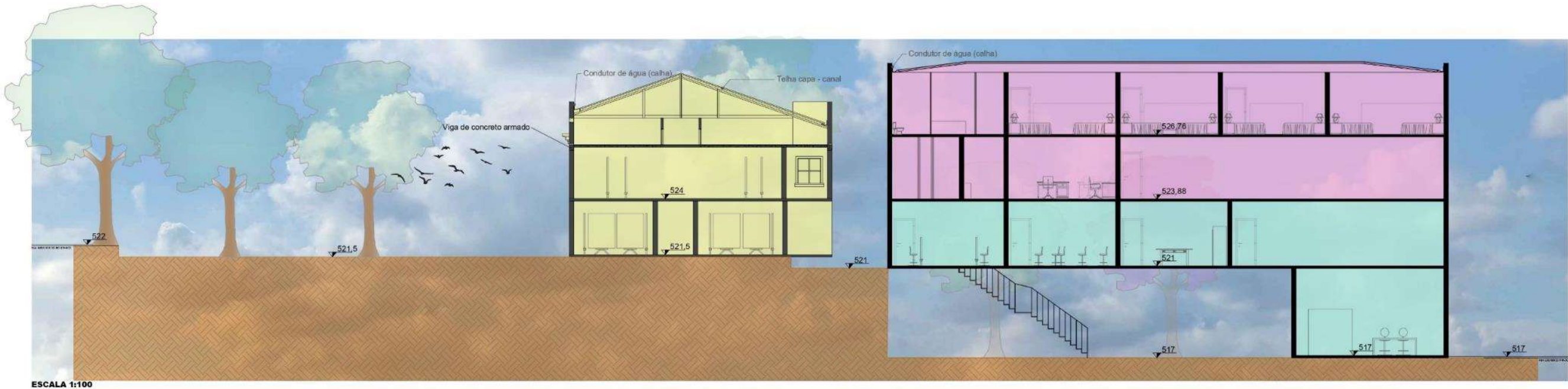
7.2 Cortes

Figura 110 - Corte A



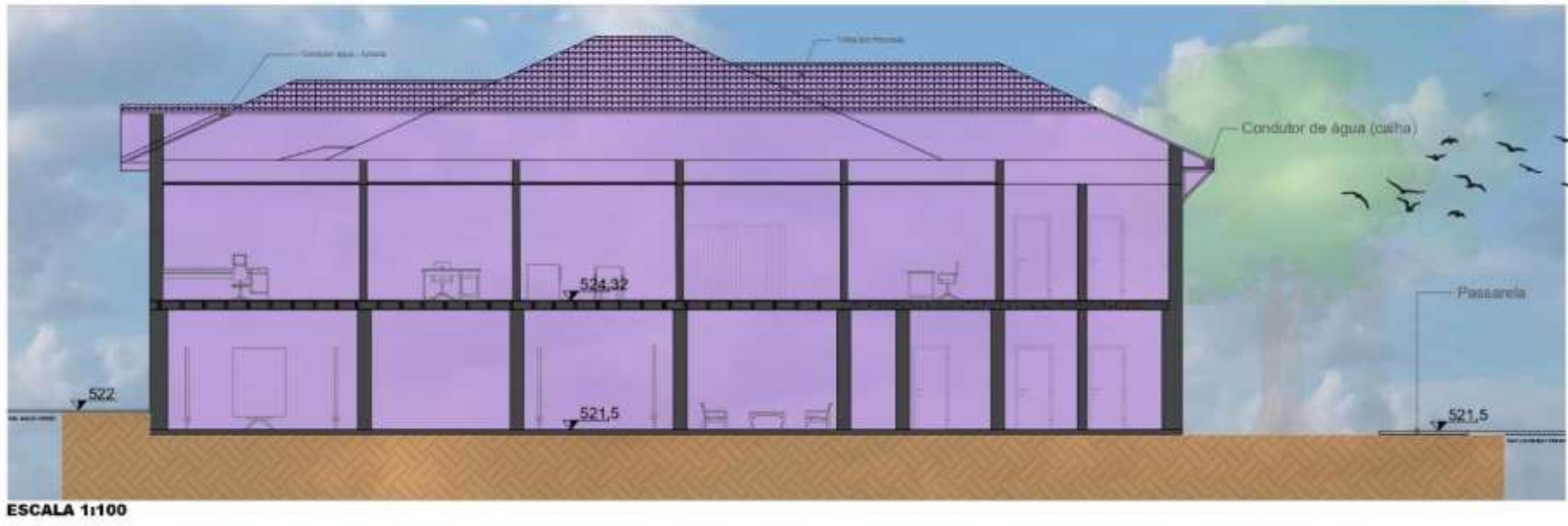
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 111 - Corte B



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 112 - Corte C



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 113 - Corte D



Fonte: Elaborado pela autora

7.3 Volumetria

Figura 114 – Volumetria geral do complexo.



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 115 – Vista da esquina da Major Prado para a quadra.



122

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 116 – Vista para o miolo da quadra



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 117 – Museu da Fotografia e Centro de Assistência a Violência.



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 118– Museu da Fotografia e Oficina Cultural



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 119 – Prédio da Casa das Meninas de Jaú e Comércio



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 120 – Circulação Vertical da Casa das Meninas de Jaú



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 121 – Passarela de circulação



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 122 – Café do fundo da quadra



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 123 – Vista da Oficina de Jardinagem para a quadra



Fonte: Elaborado pela autora

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A degradação dos centros históricos das cidades foi um fator determinante para o abandono das construções históricas, o que deveria ser preservado é visto como descaso, pela maior parte da população e governo. São poucas as políticas voltadas efetivamente à preservação e conservação dos bens.

Visto isso nos deparamos com o interior do estado de São Paulo, no município de Jaú, teve uma história muito rica em construções arquitetônicas na época da epopeia do café, porém por falta de cuidado houve diversas demolições posteriores, e ainda assim é considerada uma das cidades com maior número de bens preservados.

A proposta arquitetônica apresentada é consequência desses fatos junto aos estudos teóricos e visitas. Com a intenção de retomar as atividades desse centro abandonado da cidade, propondo novos usos que se adequem as contemporaneidades e aos seus habitantes.

Além de reconhecer e retomar o valor histórico dessa região da cidade o objetivo é oferecer a população usos diferenciados para construções que são vistas como ultrapassadas. Pensando nas necessidades do local, ofertar um espaço que será de uso público aproveitando o miolo de quadra, que hoje em dia se encontra subutilizado.

Portanto, a proposta arquitetônica engloba a revitalização de um fragmento urbano esquecido e não valorizado. Com o propósito de ofertar usos diferenciados à essa região da cidade e dar vitalidade a mesma.

REFERÊNCIAS

AASARQUITETURA. **Museu de Arte do Rio por Bernardes + Jacobsen Arquitetura**. 2013. Disponível em: <https://aasarchitecture.com/2013/10/museu-de-arte-do-rio-by-bernardes-jacobsen-arquitetura.html/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ALTHOFF, Fátima Regina. **Políticas De Preservação Do Patrimônio Edificado Catarinense**: - a gestão do patrimônio urbano de Joinville. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ARCHDAILY. **MAR – Museu de Arte do Rio** /: bernardes + jacobsen arquitetura. Bernardes + Jacobsen Arquitetura. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-108254/mar-museu-de-arte-do-rio-bernardes-jacobsen-arquitetura#>. Acesso em: 01 abr. 2021.

ARCHDAILY. **Praça das Artes**: brasil arquitetura. Brasil Arquitetura. 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ARQ, Bernardes. **MAR – MUSEU DE ARTE DO RIO**. Disponível em: <https://www.bernardesarq.com.br/projeto/museu-de-arte-do-rio/#group-16>. Acesso em: 05 maio 2021.

ARQUITETURA, Brasil. **Museu Rodin Bahia**. Disponível em: <http://brasilarquitetura.com/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

ARQUITETURA, Brasil. **Praça das artes**. Disponível em: <http://brasilarquitetura.com/projetos/praca-das-artes>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ARQUITETURA, Jacobsen. **Museu De Arte Do Rio**. Disponível em: <https://jacobsenarquitetura.com/projetos/mar-museu-de-arte-do-rio/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ARTES, Palacete das. **Palacete das Artes**: mais que um museu, o seu lugar. Mais que um Museu, o seu lugar. Disponível em: <https://museupalacetedasartes.wordpress.com/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

BALSINI, André Reis. **Museu de Arte do Rio – MAR**. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.185/5771>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BRISOLA, Sergio. **Conservatório Dramático e Musical de São Paulo**. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2018/07/conservatorio-dramatico-e-musical-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CORRÊA, Elyane Lins, *et al.* **Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio**. Salvador: Edufba, 2011.

CULTURAL, Patrimônio. **Centro Histórico de Ouro Preto**. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/origem-portuguesa/centro-historico-de-ouro-preto/>. Acesso em: 01 maio 2021.

FIGUEROLA, Valentina. Rodin em Salvador. **Au**, Salvador, v. 18, n. 106, p. 1-5, jan. 2003.

FORTES, Estúdio Carlos. **"ESCOLA DO OLHAR"**. Disponível em: <http://www.estudiocarlosfortes.com/en/projects/escola-do-olhar>. Acesso em: 01 mai. 2021.

GALEFFI, Lúgia Maria Larcher. Patrimônio Edificado: um livro em forma de arquitetura. um livro em forma de arquitetura. 2011. **IPAC**. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/patrimonio-edificado.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2021.

GHIRARDELLO, Nilson. **À Beira Da Linha Formações Urbanas Da Noroeste Paulista**. São Paulo: Unesp, 2002.

GHIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. **Patrimônio Histórico: Como E Por Que Preservar**. Bauru: Crea, 2008.

GOMES, Dandara. **O museu como patrimônio da cidade**: projeto de expansão programática. 2011. 130 f. TCC (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Amapá, Santana, 2011.

GUIA, Arq. **Salvar Museu de Arte do Rio | MAR**. Disponível em: <http://arqguia.com/obra/museu-de-arte-do-rio-mar/?lang=ptbr><http://arqguia.com/obra/museu-de-arte-do-rio-mar/?lang=ptbr>. Acesso em: 10 mai. 2021.

IBGE. **Jaú**: brasil / são paulo. Brasil / São Paulo. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jau/panorama>. Acesso em: 05 abr. 2021.

IPHAN. **Bens Tombados**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 15 mai. 2021.

IV SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 2007, São Paulo. **Percepções sobre a interpretação do patrimônio edificado em Tiradentes**. São Paulo: Anptur, 2007.

IV SEMINÁRIO DO COMOMO BRASIL, 2001, Viçosa. **Dois projetos, dois arquitetos, duas palavras. A Rodoviária de Vilanova Artigas, e o Paço Municipal de Carlos Cascaldi, Jahu, SP**. Viçosa: Unesp, 2001.

JAHU. **Plano Diretor**. Disponível em: <https://www.jau.sp.gov.br/plano-diretor>. Acesso em: 28 mai. 2021.

JAU, Camara. **Dados Geográficos**. Disponível em: http://camarajau.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=252:dados-geograficos&catid=34:leis&Itemid=109. Acesso em: 01 mai. 2021.

JAU. **Sobre Jahu**. Disponível em: <https://www.jau.sp.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

KERR, Gustavo. **A praça das artes e o centro cultural dos correios**: uma reflexão sobre a dimensão pública da arquitetura no vale do anhangabaú. 2018. 223 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

KON, Nelson. **Fachada do Palacete**. Disponível em:

<http://brasilarquitetura.com/img/l/projetos/1578.jpeg>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LAGO, Angela. **Foto**. Disponível em:

https://www.flickr.com/photos/angela_lago/3824075189/sizes/l/. Acesso em: 25 abr. 2021.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 115 p.

LYRA, Cyro Corrêa. **Preservação do Patrimônio Edificado: a questão do uso**. Brasília: Iphan, 2016. 308 p.

MARAVILHA, Porto. **Fotos E Vídeos De Museu De Arte Do Rio (MAR)**. Disponível em: https://www.portomaravilha.com.br/fotos_videos/g/32. Acesso em: 05 mai. 2021.

MARCONI, Fabio. **Palacete das Artes (Arts Palace)**. 2018. Disponível em:

<https://www.salvadorabahia.com/en/experiences/palacete-das-artes-arts-palace/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MASSERAN, Paulo Roberto. **Artigas e Cascaldi**. Unidos pelos ideais, separados pela arquitetura. Duas obras da década de 1970 em Jahu, SP. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 086.04, Vitruvius, jul. 2007.

MATRIZ, Pascom. **Matriz: como tudo começou**. Como Tudo Começou. Disponível em: <https://matrizjau.com/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

MELLO, Tais. **Volumes, rampas e vazios fundem-se às ruas**. Disponível em:

https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/brasil-arquitetura_/praca-das-artes/362. Acesso em: 10 abr. 2021.

MUNICIPAL, Theatro. **Praça das Artes: abraçamos a diversidade para mostrar que o encantamento é para todos os corações**. Abraçamos a diversidade para mostrar que o encantamento é para todos os corações. Disponível em: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/praca-das-artes/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

NAHAS, Patricia Viceconti. O novo e o velho: a experiência do escritório brasil arquitetura nos programas de intervenção em edifícios e sítios históricos. *Arquitectura*, Bogotá, v. 12, n. 12, p. 58-67, dez. 2010.

NASCIMENTO, Douglas. **Conservatório Dramático e Musical de São Paulo / Salão Steinway**. Disponível em: <http://saopauloantiga.com.br/conservatorio-musical-sp/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

OESPACOPUBLICO. **Sobre edifícios – vivos e mortos**. Disponível em:

<https://www.oespacopublico.com.br/2017/08/02/sobre-edificios-vivos-e-mortos/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

OSTERKAMP, Guilherme. **O Brasil Arquitetura e a Intervenção do Patrimônio**. 2015.

190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PEREIRA, Matheus. **Museu Rodin Bahia**: brasil arquitetura. Brasil Arquitetura. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura>. Acesso em: 02 abr. 2021.

PRADO, José Renato de Almeida. **Tampa de Baú**. Jaú: Jaú, 2011. 318 p.

RABELLO, Sonia. O tombamento. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (termo chave Tombamento). ISBN 978-85-7334- 279-6.

Revitalização De Centros Urbanos. São Paulo: Pólis, 1994.

RIBEIRO, Rosina Trevisan M. et al. Olhares sobre o patrimônio edificado: o conceito de valor. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

RIO, Guia Cultural Centro do. **MUSEU DE ARTE DO RIO – MAR**. Disponível em: <https://guiaculturalcentroedorio.com.br/museu-de-arte-do-rio-mar/>. Acesso em: 01 maio 2021.

RIO, Museu de Arte do. **MUSEU DE ARTE DO RIO**. Disponível em: <http://museudeartedorio.org.br/o-mar/escola-do-olhar/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SANTOS, Ivan Cláudio Domingues dos; FELTRIN JUNIOR, João Jair. **Jahu Retratos de uma Época**: 1900 - 1929. 2009. 122 f.

SÃO PAULO. Constituição (2003). Lei nº 3833, de 2003. Jaú, 2003.

SÃO PAULO. Lei Complementar nº 277, de 2006. Jaú, 2006.

SILVA, Heitor de Andrade. **Revitalização urbana de centros históricos**: uma revisão de contextos e propostas: a ribeira como estudo de caso. 2002. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

SP, Al. **Conservatório Dramático Musical de São Paulo comemora cem anos de fundação**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=315657>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SP, Salas de Cinema de. **Cairo**. Disponível em: <http://salasdecinemadesp2.blogspot.com/2008/05/cairo-so-paulo-sp.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.

TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Jaú: Vhk Editora, 2010. 159 p.

TOSCANO, José Raphael. **100 anos de arte e fé**. Jaú: Jahu, 2001. 66 p.

TRENTIN, Patricia. O patrimônio cultural edificado e sua gestão. A preservação e conservação do patrimônio histórico na cidade moderna. Drops, São Paulo, ano 06, n. 012.05, Vitruvius, ago. 2005

TRENTIN, Patricia. **O patrimônio cultural edificado e sua gestão**: a preservação e conservação do patrimônio histórico na cidade moderna. A preservação e conservação do patrimônio histórico na cidade moderna. 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/06.012/1660>. Acesso em: 10 mai. 2021.

UNESCO. **Historic Town of Ouro Preto**. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/124/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

VELOSO, Flavio. **Ouro Preto, Minas Gerais**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/flavioveloso/7296717604/in/photostream/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

VITRUVIUS, Portal. Museu Rodin Bahia. **Vitruvius**, São Paulo, v. 01, n. 070, p. 1-2, out. 2006.

VITRUVIUS, Portal. Praça das Artes. **Vitruvius**, São Paulo, v. 03, n. 151, p. 1-2, jun. 2013.